This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Y.C 111246
UC-NRLF
$B 119 360

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

Cancioneiro Popular Politico

Trovas recolhidas da tradição oral portugueza

POR

A. Thomaz Pires

Socio correspondente do Instituto de Coimbra
e associado provincial da
Academia Real das Sciencias de Lisboa

Collecção precedida de uma carta do saudoso escriptor

OLIVEIRA MARTINS

SEGUNDA EDIÇÃO, MUITO MELHORADA

ELVAS

EDITOR=ANTONIO JOSÉ TORRES DE CARVALHO

1906

Cancioneiro Popular Politico

Trovas recolhidas da tradição oral portugueza

POR

A. Thomaz Pires

Socio correspondente do Instituto de Coimbra
e associado provincial da
Academia Real das Sciencias de Lisboa

Collecção precedida de uma carta do saudoso escriptor

OLIVEIRA MARTINS

SEGUNDA EDIÇÃO, MUITO MELHORADA

ELVAS
Typographia e Stereotypia Progresso
Rua de Manoel Gomes Estella, 2-B
1906

PQ 9161
H5P5
1906

Estas trovas foram, na sua maior parte, pela primeira vez dadas á estampa, pelo collecionador, em folhetins do jornal *O Elvense,* do anno de 1884.

Carta (*)

Ill.mo .....

Satisfazendo ao seu desejo, extremamente honroso para mim, vou dizer-lhe as impressões que me deixou a leitura do seu *Cancioneiro.*

Muitas d'essas trovas não me eram desconhecidas: tinham-me apparecido emquanto andava forrageando documentos para o meu *Portugal contemporaneo,* e algumas d'ellas ahi as deixei apontadas como testemunho das impressões populares.

Fez v. de certo um bom serviço colleccionando as cantigas populares p liticas, embora a escassez d'ellas e o seu pequeno valor próvem quanto o nosso povo se desinteressou sempre das bulhas partidarias, ou pelo tom que lhes achava, ou por não achar cousa nenhuma por apathia constitucional.

Com effeito, a meu ver, em toda a collecção ha talvez apenas umas trovas em que transpira, ingenuamente e ardentemente, o sentimento espontaneo do

(*) Da primeira edição.

povo: são as do *Rei chegou,* no segundo capitulo. Ahi sim. Chega a respirar-se o odio violento que accendia as almas portuguezas n'essa longa crise de onze annos (1823-34) que se seguiu ao mallogro da revolução de 20.

Ahi mesmo, porem, a canção que foi o *Ça ira* do miguelismo, e que era já um transporte da melopea cantada pelos negros do Rio de Janeiro, quando celebravam a chegada de D. João VI, vendo n'elle um redemptor

Rei chegou, rei chegou,
Já a surra se acabou .

essa propria canção é infinitamente menos eloquente do que os jornaes e pamphletos da epocha, a *Besta esfolada,* o *Punhal dos corcundas,* etc.

Porque será? repito a interrogação: será por falta de nervos no povo? será por desinteresse pelas questões politicas? Mas nenhum d'estes motivos se póde allegar, nem para o caso da invasão franceza, nem para o da lucta do apostolismo e do liberalismo. Quanto a mim, n'este caso, a razão é outra: é que o povo portuguez nunca teve poesia politica, porque, a não ser na excepcional revolução de 1383-5, nunca os portuguezes deram provas d'um temperamento collectivo similhante ao que inspirou as *jacqueries* francezas d'onde saiu o *roman de Rou,* e as revoltas communaes flamengas, e as republicas italianas que geraram Mazaniello, e as revoluções apostolicas d'onde nasceu João de Leyde.

O genio poetico dos portuguezes, parece-me, encaminhou sempre para outro destino: ou o lyrismo

subjectivo, ou então a epopeia litteraria, que é politica, sim, mas de uma envergadura diversa d'aquella com que dos episodios de cada hora a imaginação popular faz mythos e cantos. E isto entendo que é assim, porque Portugal, sendo nação por obra e graça dos seus principes, teve sempre, tão nitida quanto é possivel, a consciencia do seu proprio destino formulada só no pensamento dos seus homens d'estado e pensadores. Ora a poesia popular exprime as vibrações inconscientes da alma collectiva que uma vez unica, repito, vibrou de modo pronunciadamente affirmativo: na revolução de 1383-5.

E' incontestavel porem que, em 1826-34 e depois ainda em 1846-7, o observador encontra vibrações genuinas, mas tão relativamente tenues que não produzem mais do que as canções reunidas na sua collecção. Por cima das commoções populares estavam, a exploral-as e a debatel-as entre si, as classes dirigentes e os partidos; e é por isso que as proprias canções dão muito menos a impressão dos sentimentos da lucta, do que os pamphletos e verrinas dos jornaes.

Já n'outra occasião fiz um reparo que aqui repito e deixo á consideração dos eruditos: é a circumstancia da trova

D. Pedro vae
D. Pedro vem
Mas não entra
Em Santarem

relativo aos fastos da guerra em 1834 ser uma variante de outra trova de cinco seculos antes, quando os

lisboetas cercados diziam por mofa aos castelhanos que tambem tinham a sua côrte em Santarem:

Ex-vol-o vae
Ex-vol-o vem
De Lisboa
Para Santarem

De passagem, a correr, notei o que me pareceu mais importante na sua collecção; porque as canções relativas aos restantes acontecimentos politicos affiguram-se-me verdadeiramente dignas d'elles, e de mais nada.

E até, se não me engano, muito do que n'este livrinho figura como creação popular, não é tal do povo: é obra de fancaria politica feita por litteratos de escada *ad usum* da populaça.

Se alguem fôr avaliar o estado da consciencia politica do povo por estas suas creações poeticas, terá de concordar que esse estado se approxima do vacuo. E talvez se não engane de todo. No que, a meu ver, o povo mostra a sua sabedoria.

Creia v. que sou com toda a consideração seu

.....

Oliveira Martins.

CANCIONEIRO POPULAR POLITICO

I

TROVAS ALLUSIVAS

Á

INVASÃO FRANCEZA

(1807-9)

A entrada dos guerreiros
Foi com grande intrepidez,
Descalços de pé e perna,
Dois aqui, acolá tres. (1)

O Junot foi ao inferno
Buscar duas testemunhas,
Achou as portas fechadas,
Pôz-se a 'sgravatar 'co'as unhas.

(1) Allusão á entrada do exercito francez em Lisboa, a 30 de novembro de 1807.

Olha a condessa da Ega,
Que anda a cavallo n'um cão,
Pedindo ao ladrão Junot
Que lhe dê a sua mão.

Batem á porta
Do Conde da Ega:
—Quem é?
—Que é do arrieiro,
Que aluga a égua
E anda a pé?

O Junot mais o Manêta (1)
Eram dois finos ladrões,
O Junot rasgou as calças
E o Manêta os calções.

O Junot mál-o Manêta
Fizeram uma funcção,
O Manêta deu o braço,
O Junot o coração.

O Junot mais o Manêta
Diz' que Portugal é seu,
E' o diabo para elle,
E mais para quem lh'o deu.

O Junot mais o Manêta
Andam em Famalicão
Ao rebusco do centeio,
Que na França não ha pão.

O patife do Junot
Vinha p'ra nos proteger!
Veio mas foi p'ra nos roubar,
E p'r'ás pratas recolher.

1) O general Loison.

Já o mar anda de luto,
Tambem as embarcações,
Anda a guerra contra a França,
Ajuntem-se as mais nações.

O' alto pinheiro da França,
Onde a trópa abarracou,
Onde houve o cruel combate,
Quando a França retirou.

Ditosa serra da Estrella,
Que os portuguezes abrigou,
Onde os francezes tremeram
E o *Jinó* arrecuou.

De hoje em deante,
Senhor Duque d'Abrantes,
Fica outra vez *Jinó*,
Como d'antes.

Viva o rei João, (1)
Faz o que lhe dizem,
Come o que lhe dão.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer ou morrer. (2)

A'S PORTAS DO INFERNO

—Trás, trás.
—Quem é?
—E' o Intendente (3)
Que vem coxo d'um pé.

---

(1) D. João VI.
(2) Côro do *Hymno patriotico da nação portugueza*, que, por ordem superior, as bandas militares tocavam em 1809.
(3) Lagarde, Intendente geral da Policia, em Portugal.

—Vem só?
—Vem tambem o Junot.
—Isso é pêta.
—Vem tambem o Manêta,
—Inda virão mais?
—Vem Kellerman
E outros que taes.
—Isso é graça.
—Vem tambem o Carraffa
Procurar n'este logar
Allivio á sua desgraça.
—De França tanta gente!...
O Inferno traição espera,
Depois de domar o mundo,
Vêm aqui fazer a guerra.

«PELO SIGNAL» DO JUNOT

(Conversa entre duas comadres)

—Conheceu o Junot?
—Nunca o cheguei a ver.
—Pois elle bem se podia conhecer
Pelo signal.

Foi da França general,
Ladrão, e grande usurario,
E muito adversario
Da Santissima Cruz.

—Santo nome de Jesus!
Não ha quem d'elle dê cabo?
De similhante diabo
Livre-nos Deus.

—Os malignos dos Judeus,
Segundo temos visto,
Não fizeram tanto a Christo,
Nosso Senhor.

Eu pedia por favor
Aos seus perfidos soldados,
Que andassem sempre separados
Cá dos nossos.

—Oh! quem lhe quebrara os ossos
A'quelle traidor e vil,
Que nos trouxe mais de 400:000
Inimigos!

—Foi talvez por temer os p'rigos,
(Tão astuto é elle, o tal)
Que obteve uma Pastoral
Em nome do Padre.

Olhe, comadre,
O pae vivia de roubar,
O que se hade esperar
Do Filho.

O tal peralvilho,
Fez dos nossos conventos praça,
Jesus, Paulistas e Graça,
E tambem *do Espirito Santo.*

—Oh! quem lhe déra, d'um canto,
Um tiro tão certo e forte,
Que lhe désse logo a morte,
Amen, Jesus.

VARIANTE

O SIGNAL DA CRUZ

—Não conhece o Junot?
—Nunca o cheguei a ver.
—Bem se póde conhecer
Pelo signal.

E' da França general,
E' ladrão e usurario,
E' fino adversario
Da Santa Cruz.

—Santo nome de Jesus!
Não ha quem d'elle dê cabo?
De similhante diabo
Livre-nos Deus.

Os malignos Judeus,
Segundo o que tenho visto,
Não fizeram tanto a Christo
Nosso Senhor.

—Eu desejo, com fervor,
Que seus perfidos soldados
Andem sempre separados
Dos nossos.

—Oh! quem lhe quebrara os ossos!
Pois nos trouxe aqui o vil
Mais de quarenta e seis mil
Inimigos.

—E temendo talvez p'rigos,
Porque sabe que obra mal,
Obteve uma Pastoral
Em nome do Padre.

—Olhe, senhora comadre,
Se o pae viveu de roubar,
Que menos se deve esperar
Do Filho?

—E tem feito o peralvilho
Dos nossos conventos praça,
De Jesus, Paulistas, Graça,
E do Espirito Santo.

—Oh! quem lhe dera, d'um canto,
Um tiro bem certo e forte,
Que achara logo a morte,
Amen, Jesus.

II

TROVAS ALLUSIVAS

AO

MOVIMENTO LIBERAL

DE

1820 a 1834

1) TROVAS DOS LIBERAES

O cheiro d'um só *corcunda*
Enterrado 'numa egreja,
E' capaz de empéstar
Quanta gente 'nella esteja.

O ladrão do tróles-bóles
Foi fazer queixa á Rainha,
Pensando que era morgado,
Elle nem sapatos tinha.

O ladrão do tróles-bóles
Foi fazer queixa ao Infante,
Pensando que era morgado,
Era um reles estudante.

Fóra *corcundas*,
Corcundas vis,
Nosso congresso
Não quer servis.

Até os proprios pastores,
Encostados ao bordão,
Gritam todos á porfia:
Liberal constituição.

Senhor Padre, largue a moça,
Não seja tão maganão,
Pegue nas contas e reze:
Liberal constituição.

Viva a Guarda Nacional,
E viva o alto padrão,
De morrer ou de vencer:
Liberal constituição.

Dia nove de janeiro,
De Claudino a divisão
Fez em C'ruche triumphar
Liberal constituição.

General (1) chegou á barra,
Voltou costas á nação,
Porque não quiz assignar
Liberal constituição.

Com carne, pão e vinho
Sustenta-se o Miguelinho,
Sem carne, vinho e pão
Sustenta-se a constituição.

2) TROVAS DOS ABSOLUTISTAS

Eu sou realista,
Eu sou de nação,
Meu pae, minha mãe,
Corcundinhas são.

Ando triste pelos montes,
Nem por isso passo mal,
Antes triste *realista*,
Que alegre *const'cional*.

(1) O Marechal Sir Guilherme Carr Beresford.

Mariannita foi á fonte,
E a mãe foi aos olivaes,
E a filha ficou em casa
Brincando c'os liberaes.

Os soldados do commercio,
Quando vão para a parada,
Levam seu sapato e meia
E dentro d'algibeira nada. (1)

Os soldados do commercio,
Quando vão para a parada,
Mettem trinta réis no bolso,
Fazem grande chocalhada. (2)

Os soldados do commercio
Já não teem acceitação,
E só fazem exercicio
A' gaveta do patrão. (3)

=

Quando o Silveira (4) se viu
Entre o meio dos liberaes,
Prantou as mãos ao ceo:
—Oh meu Deus, que d'terminaes?

Os anjos lhe responderam:
—Silveira, não tenhas medo,
Pódem mais as Cinco-Chagas,
Que as constituições de Pedro.

Quando o Silveira se viu
No meio dos *const'cionaes*,
Deitou os olhos ao ceo:
—Senhor que determinaes?

---

(1) (2) (3) **Motejos ao batalhão dos voluntarios do commercio de Lisboa.**

(4) **O general Manoel da Silveira Pinto da Fonseca, conde de Amarante em 1823, e depois marquez de Chaves. Falleceu a 7 de março de 1830.**

Um anjo lhe respondeu:
—Batalha, não tenhas medo,
Valem mais as Cinco-Chagas,
Que a constituição de Pedro.

Juntaram-se os generaes todos,
Todos juntos n'uma sala,
Mas o general Silveira,
Esse levava-lhes a gala.

=

A nau fragata *Perola*,
Mais fina que o papel,
Trouxe a salvamento
O Senhor D. Miguel.

A nau fragata *Perola*,
E a marinha fiel,
Trouxe a porto e salvamento
El-rei Senhor D. Miguel. (1)

REI CHEGOU

D. Miguel chegou á barra,
A' barra de Lisboa,
E disseram os *malhados:*
Esta obra não 'stá boa.

D. Miguel chegou á barra,
A' barra de Belem,
E disseram os *malhados:*
Esta òbra não vae bem.

D. Miguel chegou á barra
Já o seu signal içou;
E' certo e mais que certo
Que já D. Miguel chegou.

---

(1) **Embarcou em Plymouth, com destino a Portugal, em 9 de fevereiro de 1828, e desembarcou no caes de Belem em 22 do referido mez.**

D. Miguel chegou á barra,
Voltou costas á nação,
Rogando pragas immensas
A' nova constituição.

D. Miguel quando chegou
Deu um suspiro e um ai,
Disse á sua augusta mãe:
Que é do meu augusto pae?

Sua mãe lhe respondeu,
Com grande pena e ternura:
Já os malvados *malhados*
O teem na sepultura.

D. Miguel quando chegou
Ao palacio do seu pae,
Disse á sua augusta mãe:
Que é do meu augusto pae?

Sua mãe lhe respondeu,
Com grande dôr e ternura:
Já os grandes libertinos
Lhe deram a sepultura.

D. Miguel chegou á barra,
A sua mãe beijou a mão;
—Anda cá, filho da minh'alma,
Não queiras constituição;

Quando entrou no seu palacio
Ao subir deu um ai,
Perguntou a sua mãe
Pelo seu augusto pae;

Sua mãe lhe respondeu
Com palavras de ternura:
Os mesmos negros *malhados*
O deram á sepultura.

D. Miguel chegou á barra,
Sua mãe lhe deu a mão,
Anda cá, meu q'rido filho,
Não queiras constituição.

D. Miguel é nosso rei,
Elle é rei d'esta nação,
Defensor e general
Da santa religião.

D. Miguel chegou á barra,
Sua mãe lhe deu a mão,
Anda cá filho d'esta alma,
Já te pertence a nação.

Quando D. Miguel chegou
Á' quinta do Ramalhão,
Olhou para sua mãe:
O' mãe do meu coração!

D. Miguel quando chegou
Logo foi ao beijamão,
Disse á sua augusta mãe:
Deitae-me a vossa benção.

Pedro quarto, não podendo
Mandar o seu coração,
Mandou joia de egual preço,
D. Miguel seu q'rido irmão.

Os *mações* o desterraram,
Enganando o Augusto Pae;
Ora vede, reparae,
Como elles se enganaram.

D. Miguel chegou á barra,
Já lá estava o seu carrinho,
Para ir ao seu palacio
Descançar um bocadinho.

E' certo e mais que certo,
Que el-rei D. Miguel chegou
Lá á torre do Bugio,
Onde seu signal deixou.

E' certo e mais que certo
D. Miguel ser nosso rei,
E' certo e mais que certo,
Que assim é que manda a lei.

D. Miguel desembarcou
Com 'mas esporas de prata,
A cavallo no Saldanha,
Claudino (1) de arreata.

Rei chegou,
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou,
Aos *realistas*
Abraçou,
Aos *malhados*
Não falou.

Rei chegou,
Rei chegou,
E o papel
Não assignou. (2)

Já os *malhados* não querem
Que lhes cantem mais cantigas,
Dão confeitos aos rapazes,
Amendoas ás raparigas.

A' entrada de Lisboa
'Stá um lencinho dobrado,
Com letras d'oiro que dizem:
Viva D. Miguel c'roado.

(1) O general Antonio José Claudino de Oliveira Pimentel, natural de Moncorvo, onde nasceu em 1776. Falleceu a 13 de agosto de 1830.

(2) Estribilhos das coplas antecedentes. Estribilhos e coplas formavam o hymno miguelista.

A mulher do Claudino
E' uma santa mulher,
Dá os ossos ao marido,
A carne a quem ella quer.

Eu já vi a D. Miguel
Uma, duas, e tres vezes,
Mas digo do coração:
Deem vivas, portuguezes.

Viva o senhor D. Miguel
Que veio para nosso bem;
Nação tão bem governada
Como nós não tem ninguem.

Viva D. Miguel Primeiro,
E a Santa Religião,
Todo o que mata *malhados*
Tem cem annos de perdão.

Arre, *malhados*,
Arre, *cacarros*,
Arre, patifes,
Desavergonhados.

Fóra, *malhados*,
Fóra, judeus,
Acabou-se a guerra,
D. Miguel venceu.

Fóra, *chamorros*,
Atiça, judeus,
Acabou-se a guerra,
D. Miguel venceu.

Fóra, patife,
Fóra, *malhado*,
Fóra, *caipira*,
Desavergonhado.

D. Miguel,
Lindo ramalhete,
Elle já é rei,
Já não é cadete.

D. Miguel,
Lindo diamante,
Elle já é rei,
Já não é infante.

O alecrim é verde,
A rosa tem cheiro,
Viva D. Miguel,
D. Miguel Primeiro.

Ailé,
Tres vezes, tres vezes,
Viva D. Miguel,
Rei dos portuguezes.

O' Braga fiel,
O' Porto ladrão,
Que sempre quizeste
A constituição,

O' Braga fiel
Ao Telles Jordão,
Nunca quizeste
A constituição.

O' Elvas honrada,
O' povo atrevido,
Tens consentido
A constituição;
Por vossas causas
Temos soffrido,
Temos soffrido,
Tanta traição;
O sol soltemos
Ao vencedor,
Elle além vae,

Marquez de Chaves,
Restaurador.

O meu bem tem trajo
A' contrabandista,
Chapeu á espanhola,
Cinta á *realista.*

Já Lisboa está cercada
De tulipas amarellas,
Já el-rei subiu ao throno,
Já se acabaram as guerras.

'Stá o céo estrelladinho
De estrellinhas amarellas,
Já o rei não quer soldados,
Já se acabaram as guerras.

Dona Carlota Joaquina
Tem dois filhos a reinar,
D. Pedro lá no Brazil,
D. Miguel em Portugal.

Dar o seu a seu dono
E' um dever natural,
D. Pedro rei do Brazil,
D. Miguel de Portugal.

D. Miguel subiu ao throno,
D. Pedro assim o quiz,
Viva o senhor D. Miguel,
Que é senhor do seu nariz.

Entre Pedro e D. Miguel
Ninguem metta o seu nariz,
Pois se D. Miguel é rei
D. Pedro assim o quiz.

A's armas com valor,
Exclama toda a nação,
Viva el-rei sôr D. Miguel,
Mais a Santa Religião.

D. Miguel vae p'r'ó altar,
Com dois palmitos aos lados,
Em quanto se abrem masmorras
Para metter os *malhados*.

Viva o Senhor D. Miguel,
Toda a familia real,
Viva o Senhor D. Miguel,
Nosso rei de Portugal.

Os melros cantam nos valles,
Os canarios no viveiro,
Os anjos cantam no céo:
Viva D. Miguel Primeiro.

A gallinha está no chôco,
O gallo está no poleiro,
Viva el-rei o Senhor
D. Miguel Primeiro.

Quem de Pedro
Ás leis deseja,
Vá ser brazileiro,
Portugal só reconhece
D. Miguel Primeiro.

A Carlota foi galheta
D'azeite, mais de vinagre,
Teve um filho rei dos monos,
E outro rei de milagre.

Encontrei o Saldanha (1)
Lá na costa do Castello,
Roendo um pé de burro,
Cuidando que era marmelo.

Da barriga do Saldanha
Mandei fazer uma eira,
Para debulhar cevada
P'r'ós cavallos do Silveira.

Encontrei o Saldanha
Na calçada da Ajuda,
C'umas cangalhas ás costas:
—Merc' alface repolhuda.

Encontrei o Saldanha
Lá na rua de S. Bento,
Com umas cestas ás costas:
—Merc' a sardinha do tempo.

Oh Saldanha, oh Saldanha,
Que desgraça foi a tua!
D. Miguel subiu ao throno,
Tu de rastos pela rua.

Da cabeça do Saldanha
Mandei fazer um tambor,
Para tocar á degolla
Ao conde de Villa Flor. (2)

---

(1) João Carlos Saldanha Oliveira e Daun. Foi feito conde de Saldanha em 14 de janeiro de 1833, marquez do mesmo titulo em 27 de maio de 1834, duque de juro e herdade em 8 de maio de 1855, e teve as honras de *duque-parente* em outubro de 1862. Nasceu aos 17 de novembro de 1790, e falleceu em Londres, com mais de 80 annos de edade, no exercicio de embaixador de Portugal.

(2) O setimo conde de Villa Flor, Antonio José de Sousa de Menezes Severim de Noronha, marquez do mesmo titulo em 1827 e duque da Terceira em 8 de novembro de 1832.

Venha lenha, venha lenha,
Morra o Saldanha queimado,
Se ha por 'hi algum, que venha,
Que este vae 'stando aviado.

Já os *malhados* não querem
D. Miguel por capitão,
Ora agora ahi o teem,
Por isso, rei da nação. (1)

Já os *malhados* não querem
D. Miguel por general,
Ora agora ahi o tendes,
Feito rei de Portugal. (2)

Já os malhados não querem
D. Miguel p'ra general,
Mas agora ahi o tendes
Para rei de Portugal.

Logo que el-rei subiu ao throno,
E convocou os Tres Estados,
Logo o meu coração disse:
Levou o diabo os *malhados*.

Venha cá, ó sôr *malhado*,
Sente-se n'esta cadeira,
Diga: Viva D. Miguel!
Senão parto-lhe a caveira.

Venha cá, ó sôr *malhado*,
Tire já esse barrete,
Diga: Viva D. Miguel!
Senão leva c'um cacete.

---

(1) Variante: Feito rei d'esta nação.

(2) O regimento d'artilheria n.º 3 (de guarnição em Elvas) tinha por musica uma banda de tambores, um bombo e pifanos, e quando sahia sobre parada a qualquer exercicio, ou funcção para que o nomeavam, esta extravagante musica agradava tanto aos rapazes, que se juntavam, em numero talvez maior que duzentos, cantando esta copla.

Venha cá, ó sôr *malhado*,
Metta a mão n'esta gaveta,
Dê vivas a D. Miguel,
Senão quebro-lhe a corneta. (1)

Venha cá, ó sôr *malhado*,
Sôr pedaço de ladrão,
Dê vivas a D. Miguel,
E á Santa Religião.

Quem quer comprar, que eu vendo,
Que eu vendo por um real,
A cabeça de um *malhado*,
E a pelle de um liberal.

Um *malhado*, dois *malhados*,
Tres *malhados* á janella,
A roerem pés de burro,
Cuidando que era morcella.

Um *malhado*, dois *malhados*,
Jogaram o bofetão,
Um quer e outro não quer:
Liberal constituição.

Um *malhado*, dois *malhados*,
Dois *malhados* que farão?
Quizeram roubar a c'rôa,
E a Santa Religião.

Quem quizer comprar *malhados*,
Vá lá baixo ao casarão,
Os pequenos a *dérreis*,
Os maiores *mêa* tostão.

(1) Variante: Senão vae para a calceta.

Se encontrar's algum *malhado*,
Foge d'elle, que é ladrão,
Rouba a c'rôa a D. Miguel,
E o dinheiro á nação.

Estes *malhados* do Porto
Realistas querem ser,
Descoseram as casacas
Para as tornar a coser.

Os *malhadinhos* do Porto
Realistas querem ser,
Querem virar a casaca,
Não a sabem descoser.

Morram, morram, morram,
Acabem já de morrer,
Morram todos que diziam,
Que nós que a haviamos de roer.

E' D. Pedro rei de copas,
D. Miguel rei de espadas;
O que os *malhados* merecem
E' as caras esfolladas.

Quando os passarinhos choram
Que não tem entendimento,
Que fará quem não vê
D. Miguel ha tanto tempo!

O nosso rei D. Miguel
E' bonito e bem feito,
Prometteu aos *realistas*
Uma medalha p'r'ó peito.

D. Miguel é delgadinho,
Bonitinho e bem feito,
Prometteu aos *realistas*
A sua effigie p'r' ó peito.

D. Miguel é pequenino,
E' pequenino e bem feito,
Prometteu aos seus soldados
Uma medalha p'r'ó peito.

Senhora da Conceição,
Madrinha de D. Miguel,
Ajudae-me a vencer
Esta batalha cruel.

Fosteis ao Porto,
Converter liberaes,
Elles não quizeram,
Bemdita sejaes. (1)

D. Miguel é bonito,
E' bonito e bem feito,
Quebrou as pernas,
Ficou sem defeito. (2)

D. Miguel foi á Sé,
Sentou-se n'uma cadeira,
E disse para os malhados:
Esta perna está inteira. (3)

O' *Sobalbaque*, ó *Sobalbaque*, (4)
Já vieste da Terceira,
Trazes de lá muita força,
Mas nenhum traz a bandeira.

---

(1) De antiga data, costumavam fazer em Elvas differentes terços á noite, e n'um, que sahia de uma ermida da Guia, o que se compunha d'alguns devotos e d'uma pequena imagem de Nossa Senhora, quando passava pela frente de qualquer egreja, capitulava o mesmo terço com jaculatorias como a de que se trata. (1828).

(2) Allusão á queda da carruagem em Queluz. A carruagem era puxada por *zebras*, e guiada por D. Miguel.

(3) Em 29 de janeiro de 1829 celebrou-se um *Té-Déum*, na Sé de Lisboa, em acção de graças pelo restabelecimento de D. Miguel, que teve uma canella fracturada.

(4) O brigadeiro João Schwalbach, mais tarde visconde de Setubal. Era commandante da brigada composta dos batalhões de caçadores 2 e 3, da expedição do Algarve, em julho de 1834. Em agosto de 1832 era tenente coronel de caçadores 3, e foi contuso gravemente em Souto Redondo. Falleceu em Estremoz, aos 25 de maio de 1847, como general.

D. Pedro Quarto
Que vem cá buscar?
D. Miguel Primeiro
E' que ha de reinar.

D. Pedro Quarto
Que vem cá fazer?
D. Miguel Primeiro
E' que ha de vencer.

Não posso levar a preço
Malhados calçarem botas;
Mestre Pedro, rei dos kágados,
Imperador das bolotas.

D. Pedro vae,
D. Pedro vem,
Mas não entra
Em Santarem.

Saldanha p'ra cima,
Saldanha p'ra baixo,
Mas não passa
Do Cartaxo.

João da Baiôa, (1)
No seu cavallinho,
E co' a sua espada,
E' um passarinho.

João da Baiôa
E' um valentão,
Matou dezaseis
P'ra vingar o irmão. (2)

(1) Guerrilheiro miguelista.
(2) Francisco Baiôa, outro guerrilheiro miguelista, morto por uns guardas nacionaes de Beringel, nos campos de Beja, para o lado do monte da Fonte dos Cantaros.

João da Baiôa,
Morreu, já lá vae,
Lá ficou chorando
A mãe, mais o pae.

Táp,isso, olaré, táp'isso,
Táp'isso, que elles lá veem,
Fugiram, tiveram medo,
Da villa de Santarem. (1)

Táp'isso, olaré, táp'isso,
Táp'isso, que elles lá vão,
Toda a bocca se lambusa
A quem não comeu melão. (2)

Não ha coisa no mundo
Que mais me aborreça,
Que é ver 'ma velhinha
C'o *tapisso* na cabeça.

Esta moda do táp'isso,
Quem na *havéra* d'inventar,
O batalhão dos polacos,
Para aprender a marchar.

Táp'isso, olaré, táp'isso,
Que é polaco e não é chouriço. (3)

Se eu fôra soldado
De artilheria,
Iria dar fim
De Dona Maria.

(1) Allude a uma das varias investidas mallogradas de Saldanha.
(2) A moda do *Táp'isso* era cantada com musica da opera *Elixir d'amor*.
(3) O batalhão formado dos operarios do arsenal do exercito era chamado dos *polacos* e da *ribeira dos chouriços*, em consequencia de um dos soldados haver furtado um chouriço na praça da Figueira.

3) TROVAS DOS LIBERAES

No meio da praça nova,
Uma velha apregoou:
Quem quer comprar, que eu vendo,
A moda do *Rei chegou.* (1)

Ai que lindos
Amor's que eu tenho,
Faça a cama
Que eu já venho. (2)

Para espalhar a fome
Uma moda se inventou;
Quanto mais a fome aperta,
Mais se canta o *Rei chegou.*

—Minha mãe dê-me pão.
—Seu pae não o ganhou,
Pegue no seu chapeusinho,
Vá cantar o *Rei chegou.*

D. Miguel chegou á barra,
Sua mãe lhe deu a mão,
Anda cá filho d'esta alma,
Abraça este coirão.

Rei chegou,
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou;
E aos couces
Começou,
Porque palha
Não achou.

---

(1) Variante: As *armas* do *Rei chegou.*
(2) Esta trova cantava-se com musica da opera *Elixir d'amor.*

Rei chegou,
Rei fugiu,
Vá p'ra a . . .
. . . . . .

Andam rôtos e famintos,
O pagamento findou;
Quanto mais a fome aperta
Mais se canta o *Rei chegou.*

Indo eu por ahi abaixo,
De vagar e descançado,
Ouvi gritar lá ao longe:
Mata, mata, que é *malhado.*

Se vires algum *malhado,*
Inda que seja só um,
Deita-lhe as calças abaixo,
Mette-lhe as ventas no . . .

Se vires algum *malhado,*
De casaca ou casacão,
Deita-lhe a mão ao relogio:
—Viva a Santa Religião.

São *burros,* e mais que *burros,*
São *burros,* e comem palha,
São *burros,* e mais que *burros,*
De D. Miguel a vil canalha.

Todo contente e galhardo
'Stá D. Miguel em Lisboa,
Por vir metter a mãe freira
Na rua da Madragôa.

Olha D. Miguel,
Que grande maroto!
Leva a mãe p'lo braço,
Nasceu um p'r'ó outro.

Viva D. Miguel,
Elle é bem bonito,
Porque a sua testa
Nasceu p'ra cabrito.

Desterrem a D. Miguel,
Abaixo co'a fradalhada,
São ladrões e assassinos,
Nunca serviram de nada.

D. Miguel é um patife,
Que lhe faça bom proveito,
Não lhe bastam as casadas,
Foi-se a metter no convento.

Levantemos D. Miguel,
Vamos pôl-o n'um andor,
Nas profundas dos infernos,
Para receber calor.

Dona Maria Segunda,
Princeza do Brazil,
Rainha de Portugal,
Que ella p'ra cá ha de vir.

Dona Maria Segunda,
Rainha de Portugal,
Por ella nos foi dada
A carta *const'cional.*

Lá no Rio de Janeiro
Appareceu um retrato,
Dona Maria Segunda,
Filha de Dom Pedro Quarto.

Quando do Brazil partiu
Princeza do Grão-Pará,
Seu pae lhe metteu no dedo
Um annel de piassá. (1)

Se eu fora soldado
De artilheiro,
Iria dar fim
De D. Miguel Primeiro.

Dona Maria Segunda,
Rainha de Portugal,
Ajudae-nos a vencer
Esta batalha real.

A filha de Pedro
Rainha ha-de ser,
Por ella jurêmos
Vencer ou morrer. (2)

Sua mão delicada
Bordou a bandeira,
Que altiva tremúla
Na heroica Terceira.

Na patria comtigo
E' dôce viver:
Por ti, pela patria,
Morrer ou vencer.

---

(1) O annel de piassá era um emblema do liberalismo; os prezos da Relação do Porto que estavam alli pelo crime de constitucionaes, vendiam d'estes anneis, como uma pequena industria. Eu tenho um d'esse tempo, a que agora ligo mais valor depois da referencia da cantiga. (Communicação do sr. dr. Theophilo Braga, em carta ao collector d'estas coplas).

(2) Copia de um hymno a D. Maria II. Cfr. *A Musa das Revoluções*, do sr. Alberto Pimentel, pag. 164.

Vae á Serra, soldado valente,
De Christina ganhar a victoria...
Viva Dona Maria da Gloria.

Toca a caixa, acerta a marcha...
Toda a vida militei,
Dona Maria Segunda
E' rainha, não é rei.

Toca a caixa, acerta a marcha...
Toda a vida hei militado,
Dona Maria Segunda
E' filha do rei soldado.

OS MANDAMENTOS DOS MIGUELISTAS

Primeiro:
Dar vivas por dinheiro;
Segundo:
Chamar *malhado* a todo o mundo;
Terceiro:
Dar que fazer ao vidraceiro;
Quarto:
De vingança nunca farto;
Quinto:
Pôr o mundo em *lavarinto;*
Sexto:
Jurar por qualquer pretexto;
Setimo:
Ser carrasco e ter bom prestimo;
Oitavo:
Ter a religião por alvo;
Nono:
Tirar o seu a seu dono;
Decimo:
Dizer bem do que é pessimo.
Estes dez mandamentos
Encerram-se em dois:
Viver como os burros,
Ter canga como os bois.

Ai Jesus!
Isto é que é rir,
Ver os Migueis
Na praia a fugir.
Fujam Migueis,
Fujam brejeiros,
Vão p'r'ós ilheus
A furtar carneiros. (1)

E' um gostinho
Vêr ir os *burros*
De cabeça baixa,
Sem darem zurros.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio,
Tudo a tremer,
Sem haver frio.

Ai, ai, ai,
Lá veem os *burros*,
De orelhas baixas,
Sem darem zurros.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio,
Tudo a tremer,
Sem haver frio.

Uns com albardas
Mal apertadas,
Outros com ellas
Mal arranjadas.
Ai, ai, ai,
Viva a funcção,
Que já não ha
Tanto ladrão. (2)

---

(1) Allude, provavelmente, ao desembarque mallogrado á Terceira.

(2) Allude á fugida dos miguelistas de Lisboa, na noute em que chegava a Cacilhas o duque da Terceira.

Paulo Cordeiro
Tambem fugiu,
Esse maldito
Ninguem o viu.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
Becas tremendo
Sem haver frio.

Se ella cá fica,
Tão boa peça, (1)
De todo o povo
Tinha a remessa.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
O Duque (2) a tremer
Sem haver frio.

Lá vae primeiro
O Duque fraco,
Que, por temor,
Fez-se macaco.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio,
O Duque a tremer
Sem haver frio.

Este levou,
Nesta funcção,
Quantos algozes
Tinha a nação.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio,
O Duque a tremer
Sem haver frio.

---

(1) Allusão á peça offerecida por João Paulo Cordeiro aos realistas—peça que em 29 de abril de 1833 foi conduzida de Villa-nova de Gaia para a bateria da Pedra do Cão (Porto).

(2) O Duque de Cadaval.

Segue depois
A *corcundada*,
Trocando as pernas,
Toda assustada.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio,
Todos tremendo
Sem haver frio.

—

Avança caçadores, avança,
Soldados, tropa de linha,
P'ra matar o Remechido, (1)
Que foi falso á Rainha.

Isto é bem bom,
Está menos mau,
Tudo *Remechido*,
Sabe a bacalhau. (2)

Ai é, não ai,
Viva' ós liberaes,
Francisco *Remão*, (3)
Governo dos mais;

Governo dos mais,
De Beja governo,
Viva' ós liberaes
Que nunca tremeram;

---

(1) José Joaquim de Sousa Reis, celebre caudilho das hostes miguelistas, por alcunha o *Remechido*, appellido que lhe foi dado pelas raparigas de Messines (Algarve), por virtude do seu genio travesso e galhofeiro. Nasceu em Estombar, em 1796. Depois de ter ordens menores, e até de prégar em Messines um sermão, que foi muito applaudido, se namorou com uma menina d'esta freguezia, casou com ella, e vivia, ora em Messines, ora em Estombar. Foi sentenceado á morte e fuzilado no campo da Trindade, em Faro, aos 2 d'agosto de 1833. Entre outras declarações que fez no conselho de guerra a que foi submettido, disse que D Miguel de Bragança lhe promettera o pôsto de brigadeiro e a commenda da Torre-espada, se a sua causa triumphasse.

(2) Esta trova cantava-se no Algarve.

(3) Francisco Romão de Goes, tenente coronel do batalhão movel de Beja, ferido levemente no combate de Beja em 9 de julho de 1833.

Que nunca tremeram,
E sempre p'r'ávante,
Francisco *Remão*
E' o seu commandante.

O João da Baiôa, (1)
Mál-o Remechido,
Andam na serra
De beiço cahido.

O João da Baiôa
Que alarve que é!
Perdeu o cavallo,
Agora anda a pé.

O João da Baiôa
Subiu ao outeiro,
Vendeu o cavallo
Por não ter dinheiro.

O João da Baiôa
Mál-o Remechido,
'Stá sentado á mesa
De beiço cahido.

Marcha o quarto,
Marcha o quinto,
Marcha o sexto
Batalhão;
Ai que lindos
Amor's que eu tenho,
Os *caipiras*
Já lá vão (2)

---

(1) Foi morto este celebre guerrilheiro em 27 de novembro de 1838, por uma força de quinze cavallos do regimento 4, commandada pelo alferes Rodrigo Maximo Caldeira, no monte do Val, termo de Portel, nas proximidades da Ribeira do Degeba. João da Baiôa e seu irmão Francisco Baiôa foram os principaes chefes das guerrilhas miguelistas do Alemtejo. João da Baiôa andou com a sua guerrilha, em 1838, pela Terrugem, Barbacena, Villa Boim e Monferte, onde fez grandes roubos em muitas casas particulares e até nos cofres publicos.

(2) Allude á fugida, de Lisboa, dos miguelistas do duque de Cadaval. Esta trova cantava-se com musica da opera *Elixir d'amor*. *Caipiras* era uma alcunha que os constitucionaes tinham posto a D. Miguel e aos seus partidarios.

Tap'isso, olaré, tap'isso,
Tap'isso, que elles lá veem,
Fugiram, tiveram medo,
Deixaram Santarem. (1)

Já não soffremos
Tanta tyrannia,
Viva a liberdade,
Haja alegria.

D. Pedro e D. Miguel
São filhos de D. João,
D. Pedro venceu a guerra,
Assecegou a nação.

Nobre duque da Terceira,
A honradez em pessoa,
Foi que' fez manter a ordem
Na cidade de Lisboa;

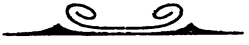
Quando D. Miguel andava
Pelas ruas de Lisboa,
Sempre de ventas no ar,
Sem ter cheiro a coisa bôa.

Subiu ao throno a Rainha
Não pôde *assubir* mais alto:
Dona Maria Segunda,
Filha de D. Pedro Quarto.

Quando Carlota Joaquina
A's portas do inferno entrou,
Disseram os diabos todos:
Olha a mãe do *Rei chegou!*

(1) Allude á retirada de Santarem sobre Evora Monte. Esta trova cantava-se com musica da opera *Elixir d'amor*.

Morreu Custodio,
Meirinho fino,
Filante amor
Desde menino. (1)



(1) Custodio era meirinho miguelista em Coimbra.

III

TROVAS ALLUSIVAS

Á

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

(1836-37)

—

1) TROVAS DOS SETEMBRISTAS

Recionaes á bainêta;
Rainha lealdade;
Por nossos feitos viva,
Viva a liberdade. (1)

---

(1) Estes versos viciados são os do *Côro* da *Canção de liberdade* dedicada á guarda nacional e tropa de linha em 1836; *Côro* que diz, assim:

Nacionaes á bayoneta;
A' rainha lealdade;
Em nossos peitos viva,
Viva a liberdade.

Cfr. *A Musa das Revoluções*, do sr. Alberto Pimentel, pag. 201.

2) TROVAS DOS CARTISTAS

Acordae ó povo d'Elyas,
Com coragem e união,
P'ra defender dos *Pedreiros*
A nossa religião.

Com constancia e firmeza,
Buscae-os, segui-lhe os *passos*,
Ide livrar os rapazes
De seus envenenados laços.

Não querem Rei, nem Altar,
Querem trolhas e colheres,
Querem tambem uns dos outros
Irmãns, filhas e mulheres.

Para lograr os papalvos
Promettem-lhe grandes dinheiros,
Quando elles não são mais
Que uns famintos caloteiros.

Precisa-se, e bem depressa,
Para evitar maior mal,
Tirar a posse da vida
A todo e qualquer liberal.

E' o nome que adoptou
Este rancho de patifes,
Mas para entreter os cães,
Da carne lhe faremos bifes.

Aos mesmos *Clubeis* iremos
Esta diligencia fazer,
Para ver se estes *Pedreiros*
Tremem ou não de morrer.

Este *Passos,* (1) que foi mestre
De seu filho em poesia,
Deve entre a *pedreirada*
Ter a sua primazia.

Dizem que é jubilado
Em a tal religião,
O que todos bem duvidam,
Por ser grande toleirão.

O lagarto, coitadinho,
E' pintado até ao meio,
Matem-me já o lagarto,
Que tem pinta de *pedreiro.*

PADRE NOSSO POLITICO

—

A'lerta, lusos, álerta,
Com um patife de marca,
Que vem ser o Patriarcha
Padre.

Finja-se embora compadre,
A todos nos põe em p'rigo,
E' disfarçado inimigo
Nosso.

Vêde bem o estado vosso,
Os transes de Portugal,
Reflecti hoje o mal
Que estaes.

---

(1) O dr. Manoel da Silva Passos; nasceu na freguezia de Ginfões, concelho de Bouças, em 5 de janeiro de 1801, e falleceu em Santarem, aos 16 de janeiro de 1862.

Batei os monstros fataes
Com furor, fogo e lança,
Ponde sempre a confiança
Nos ceos.

Inglezes não querereis,
Fingindo alto moreis,
Throno, povo, portuguezes,
Santificado.

El-rei foi envenenado,
Foi presa sua mulher,
Mas se o diabo quer,
Seja.

Quer-se dar fim á Egreja,
Nas lojas se dá o despacho,
E lá vae por agua abaixo
O vosso nome.

Os Pares querem renome,
E pelos nossos peccados
Ouviremos os deputados:
Venha a nós.

E é tal a carga feroz,
Que co'os seus malvados planos
Embaralham ha tres annos
O vosso reino.

O mesmo systema temo,
E é voz já hoje publica,
Que querem uma republica
Seja feita.

A policia foi desfeita,
E talvez haja exterminio,
Para nunca ter dominio
A vossa vontade.

Promette-nos felicidades,
Abrantes intima ordens,
Nunca se viram taes desordens
Assim.

Inda ha coisa mais ruim,
Depois de levar Cascalho,
Ver Zé da Silva Carvalho
Na terra.

Sem 'Stuarde de Inglaterra,
Garceda e outros maganos,
Ficarão os lusitanos
Como no ceo.

Borges Carneiro foi reu,
Todos sabemos quanto fez,
Já vem outra vez comer
O pão nosso.

Lusos meus, calar não posso
Supprimirem os papeis,
Vêde imposturas crueis
De cada dia.

Oh Deus da monarchia!
Libertae povo fiel,
Carlota ou D. Miguel
Nos dae hoje.

Raio terrivel se arroja
Contra os tyrannos peitos,
Tolerae nossos defeitos
E perdoae-nos.

Do Bispo-Conde livrae-nos,
Pois das Côrtes passadas
Ficaram mais augmentadas
As nossas dividas.

Vi de susto caras livres,
E vi ultrapor el-rei,
E não manda a vossa lei
Assim.

Dos honrados dá-se fim,
Bons militar's desligados,
Quem foi já sevandijado
Como nós.

Esta guerra mais atroz
Dos taxados irmãos
Quando forem bons christãos
Perdoâmos.

Muitas coisas suspeitamos
Dessas taes naus inglezas,
Sempre ficam portuguezes
Devedores.

Não falo dos eleitores,
Por ser materia mui vasta,
E com gente de tal casta
Não nos deixeis.

São inimigos do rei,
No governo muitos são,
Porque lhes vem nas mãos
Cair.

Os males nos veio ferir,
Padece o reino e a c'rôa,
Acha-se uma Lisboa
Em tentação.

Vêde Deus a expressão
De um povo que vos adora,
Soffra-se muito embora,
Mas livra-nos

Oh Rei dos Reis, valei-nos!
De ladrões avarentos,
Para ficarmos isentos
Do mal.

IV

TROVAS ALLUSIVAS

AO

PRONUNCIAMENTO DA PRAÇA D'ALMEIDA

(1844)

Está em Almeida encerrada (1)
Uma hypocrita facção,
Que pretende lançar em terra
A de 26 cons'tuição.

Mas em peitos lusitanos
Não tem echos a traição,
Cumpre agora, soldados,
A de 26 cons'tuição.

---

(1) Em virtude do cerco posto á praça d'Almeida, sendo ministro o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral, depois marquez de Thomar. A rendição da praça foi a 28 de abril de 1844, depois de quasi 2 mezes de cerco.

V

MARIA DA FONTE (1)

(1846-47)

1) TROVAS DOS PATULEAS

Eia! ávante, portuguezes,
Eia! ávante, sem temer,
Pela santa liberdade
Triumphar ou perecer. (2)

Embora Lisboa durma
O somno da escravidão,
Algum dia acordará
Ao ribombo do canhão. (3)

(1) Da *Fonte-Arcada*.
(2) Côro do hymno da *Maria da Fonte*. A letra do hymno é de Paulo Midosi e a musica de Frondoni.
(3) Excerpto do *Hymno academico*. Variante:

Ha-de Coimbra acordal-a
A' rouca voz do canhão.

Quando da patria
Sôa o clarim,
Ninguem nos vence,
Morrêmos sim. (1)

Trinta dias tem o mez,
Tres oitavas o Natal,
Tres ladrões tem este reino,
Rainha, Saldanha e Cabral.

Essa mulher lá do Minho,
Que da fouce fez espada,
Ha de ter na nossa historia
Uma pagina dourada.

A mulher que lá no Minho
Fez da força dura espada,
Deve ter na lusa historia,
Uma palma illuminada.

A mulher que lá no Minho
Fez da fouce dura espada,
Ha de ter na lusa historia
Uma pagina dourada. (2)

Dona Maria da Fonte
Não é mulher com'ás mais,
Com pistolas e clavinas
Para matar os Cabraes.

Viva a Maria da Fonte (3)
Co'a sua lança na mão,
Para matar os Cabraes,
Que são falsos á nação.

---

(1) Côro do *Hymno academico.*
(2) Excerpto do hymno da *Maria da Fonte.*
(3) Maria Angelina, de nome.

A Maria da Fonte,
A cavallo, sem cahir,
Com 'ma corneta na mão
A tocar a reunir.

A Maria da Fonte
Da fouce fez um punhal,
E marchou para Lisboa,
Para matar o Cabral.

A Maria da Fonte
E' do Minho natural,
E dá o sangue e a vida
P'ra defender Portugal.

A Maria da Fonte
Disse comsigo:
Vou para o norte
Combater o inimigo.

Eia, ávante, meus guerreiros,
Vá ávante, sem temer,
Quem do peito faz muralha
Nunca tréme a combater.

Na ponta das bayonetas
E' que o povo jura a lei:
Ou o rei ha de ser povo,
Ou o povo ha de ser rei.

Dona Maria da Fonte,
Leva ávante, sem temer,
Pela Santa Religião
Triumphar até morrer.

A Maria da Fonte
E' uma grande matrona,
Passou revista á tropa
Vestida de amazona.

Dona Maria da Fonte
E' bonita e córada;
O governador civil
Diz que ha de arrasar Braga.

Ailé,
Viva a Maria da Fonte,
Quer sentada, quer de pé.

—

O' minha canninha verde,
Verde canna á *patuleia;*
Quem tem a mulher bonita
Dá pena a quem a tem feia.

Certo dia lá no Porto,
Nobre duque da Terceira,
Apesar de ser macaco,
Cahiu na ratoeira.

Quem me dera ir ao Porto
Ver o duque da Terceira,
Que apesar de ser macaco,
Lá cahiu na ratoeira. (1)

Eu hei de ir ao Porto
Ver o duque da Terceira
As carantonhas que faz
Dentro da ratoeira.

Vamos atirar ao ninho,
Que é o duque da Terceira,
Vamos vêr as carantonhas
Que elle faz na ratoeira.

(1) **Excerpto do hymno da *Maria da Fonte*.**

Quem me dera ir ao Porto
Vêr o duque da Terceira,
Para vêr as carantonhas
Que elle faz na ratoeira.

Olha a bella da Rainha,
Anda na róca a fiar,
Para ganhar dois e cinco,
P'r'ás suas tropas pagar.

A Maria da Fonte
E' uma guerreira boa,
Jurou á sua tropa
De entrar em Lisboa.

Vamos para a frente,
Vamos, sem temer,
Bater o Saldanha
Até morrer.

A Maria da Fonte,
E' uma mulher guerreira,
Bateu-se com o Saldanha
Na provincia da Beira.

A Maria da Fonte,
Com a su' espada na mão,
Jurou vencer
Toda a nação.

Falou á sua tropa:
—Vamos para a frente,
Bater o Saldanha
E cortar-lhe a frente.

Lá no centro da peleja
Sôa o grito da victoria,
Para a frente, portuguezes,
T'reis nome na lusa historia.

Os patuléas de Braga,
De Barcellos e Monsão,
Sacrificam a vida
Para salvar a nação.

A Junta do Porto
Prometteu auxiliar
O partido septembrista,
Se a victoria ganhar.

As tropas da Rainha
Não são para temer,
Eia! ávante, portuguezes,
Triumphar até morrer.

A's armas, ás armas,
A's armas, voêmos,
Maria com Carta
Ao throno a levemos,
Maria sem Carta
No throno a não qu'remos. (1)

O ladrão do Cabral
Quer esmagar o povo,
Mas a Maria da Fonte
Vai a pôr governo novo.

Viva Deus e a Virgem,
A todos os santos se reze,
Ha-de vencer a Maria,
Inda que ao Saldanha pese.

A Maria da Fonte
E' 'ma mulher de feição,
Uniu-se com o Povoas (2)
P'ra defender a nação.

---

(1) Paraphrase do côro do hymno patriotico, que vem a pag. 163 da *Musa das Revoluções*, do sr. Alberto Pimentel.

(2) O general Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas, tenente general desde 1832. Foi um dos officiaes portuguezes que Junot mandou para França com a divisão portugueza de 1808; mas vindo para Portugal com o general Soult, em 1809, fugiu, e foi encorporar-se no exercito alliado. Falleceu, com 79 annos d'edade, em 29 de novembro de 1852.

A Maria da Fonte,
Não é mulher com'ás mais,
Traz um cinto de pistolas
Para matar os Cabraes.

Viva a Maria da Fonte,
Com su's esporas de prata,
A cavallo na Rainha,
C'o Saldanha á arreata.

A Maria da Fonte
E' 'ma mulher imponente
Pelo meio das fileiras
Distribuindo aguardente.

Lá no campo da peleja
Se ostenta o pendão,
Temos certa a victoria
P'ra regosijo da nação.

As tropas do Saldanha
Não são para temer,
Temos forças sup'riores
Para as combater.

Viva o conde de Mello, (1)
Viva o Sá da Bandeira, (2)
Viva a Maria da Fonte,
Que é a nossa companheira.

Chamaram debeis muralhas
Estes muros que nos cercam,
E cuidaram vêr sobre elles
D'esses peitos que se mercam. (3)

---

(1) Luiz de Mello Breyner.

(2) Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo. Foi feito 1.º barão de Sá da Bandeira a 4 de abril de 1833, visconde do mesmo titulo em 1 de janeiro de 1834, e marquez em 15 de fevereiro de 1864. Falleceu em 6 de janeiro de 1876, com 80 annos d'edade.

(3) Quadra composta em Evora pelo Conde de Mello, quando, em 1846, elle e os eborenses responderam heroicamente á intimação do general Schwalbach para se render a cidade.

A'vante, caçadores,
A'vante, tropa de linha,
Vamos bater o Saldanha
E as forças da Rainha.

Dona Maria Segunda
Está a fiar na roca,
Para pagar ao Saldanha
E mál-'á sua tropa.

O combate de Vianna (1)
Foi ao pé da oliveira,
Entre mortos e feridos
Quem venceu foi o *Nogueira.* (2)

O valente Sá da Bandeira,
Todo cheio de regosijo,
Bateu o Vinhaes (3)
No Alto do Viso. (4)

O Galamba (5) é general,
O Batalha (6) é um ladrão,
Leva sempre pela cara,
Não deixa de ser fanfarrão.

O' Galamba, avança, avança,
Já é tempo d'avançar,
O pé esquerdo rompe a marcha:
Alto frente! Perfilar!

---

(1) Vianna d'Alemtejo.

(2) *Nogueira,* ou *Silveira?* Joaquim Epiphanio da *Silveira,* alferes de cavallaria n.º 1, retirando com o seu regimento, apenas viu que caçadores n.º 5 sahiu do olival, deu a voz de «tres meia volta», carregou sobre caçadores e desbaratou tudo, restando do regimento de caçadores apenas 200 praças.

(3) Simão da Costa Pessôa, barão de Vinhaes em 17 de junho de 1840, visconde do mesmo titulo em 2 de janeiro de 1847, e conde em 17 de junho de 1862.

(4) A acção do Alto do Viso (proximo de Setubal) deu-se em 1 de maio de 1847.

(5) Antonio Manoel Soares Galamba, celebre guerrilheiro patuléa.

(6) Guerrilheiro, de Portel.

O maroto do *Salvaque* (1)
Traz chapeu de abrir fileiras,
Veio co'a sua tropa a Evora
P'ra deshonrar as quintaneiras.

O maroto do *Salvaque*
E' amigo da Rainha,
O que veio matar a Evora
Foi um gallo e 'ma gallinha.

A mulher do *Salvaque*
'Sta fiando n'uma róca,
Para ganhar trinta réis
P'ra pagar á sua tropa.

Lá dizem que appareceu
Um duque e *Swalbéque*; (2)
Arv're nenhuma nasceu
Que não cáia, ou não se séque.

O *Salvaque* já morreu,
Mas não lhe acharam dinheiro,
Já se acabaram os sustos
Das moças do Vimieiro.

O *Salvaque* já morreu
Já lá vae para a Bahia (?):
Todas as mortes dão pena
E a d'elle deu alegria.

O *Salvaque* já morreu,
Já se foi a enterrar,
Quinze cães, quatorze gatos.
O foram acompanhar.

---

(1) O general João Schwalbach.
(2) Idem.

Já mataram o Galamba,
Ninguem lhe deu o valor,
Já o levaram á morte,
Quem o matou foi traidor.

Se não viessem as nações
Acudir á Rainha,
Adeus Saldanha,
Que te faziam em farinha. (1)

Com o auxilio das nações
A rainha venceu;
Adeus Maria da Fonte,
O teu exercito pereceu.

Meia Europa colligada
Portugal assoberbou,
E porque era meia Europa,
O povo se desarmou.

Meia Europa colligada
Portugal assoberbou,
Ante as hostes de tres reinos,
Porto heroico desarmou.

Não voltes ao campo,
Que perdeste a victoria,
Com nações extrangeiras,
Não póde haver gloria.

Adeus Maria da Fonte,
Foste mulher leal,
Fica-te a fama
Na historia de Portugal.

---

(1) «Li com o maximo interesse a collecção das Cantigas politicas, e fiquei assombrado quando ai vi que a traição da dynastia de Bragança, chamando contra a nação uma intervenção armada, não passara desapercebida á consciencia e á voz d'este povo». (Communicação do sr. dr. Theophilo Braga, em carta ao collector d'estas trovas).

2) TROVAS DOS CABRALISTAS

Eia! ávante, portuguezes,
Eia! ávante, não temer,
Pela santa liberdade
Meio mundo se ha-de perder.

Eia! ávante, patuléas,
Eia! ávante, sem fugir,
Pela santa liberdade
Meio mundo anda a tenir (1)

A mulher que lá no Minho
Fez da fouce dura espada,
Deve ter na lusa historia
Uma pagina borrada. (2)

A Maria da Fonte
E' 'ma mulher varonil,
A cavallo n'uma canna,
A tocar a reunir.

A Maria da Fonte
E' 'ma mulher varonil,
Foi á fonte com um cantaro,
Veio de lá com um barril.

Lá 'stá Maria da Fonte
Assentada no bahú,
Com as pistolas á cinta,
Dando fogo pelo...

Todo o homem que tem honra
Não lhe surge tal idéa,
De abandonar as bandeiras
E fugir p'r'á patuléa.

---

(1) Parodias ao côro do hymno da *Maria da Fonte*.
(2) Parodia.

Eia! ávante, patuléas,
Raça infame sem dinheiro,
Trocaram Rainha e Carta
Pelo tal Miguel Primeiro.

Os *chamorros* de Vieira (1)
São poucos, mas são valentes,
Levam a pia dos porcos
Atravessada nos dentes.

Os *chamorros* de Vieira
Já não sabem comer pão,
Comem caldos de farelos,
Adubados com sabão.

O povo não vale nada,
Os guerrilhas nada são,
Onde chega a dezaseis (2)
Treme a terra, bole o chão.

Avança, caçadores, avança,
Avança, tropa de linha,
Matae o conde das Antas, (3)
Que foi falso á Rainha.

Avança, caçadores, avança,
Avança aos olivaes,
Matae o conde das Antas,
Que foi falso aos liberaes.

O ladrão do conde Mello
Usa calças sem presilhas,
Anda roubando os povos,
Para sustentar guerrilhas.

---

(1) No concelho de Vieira é que se originaram os tumultos da *Maria da Fonte*.

(2) Infanteria n.º 16.

(3) Francisco Xavier da Silva Pereira, presidente da Junta do Porto. Foi feito barão das Antas (logar dos arrabaldes do Porto) em 17 de setembro de 1835, visconde do mesmo titulo em 10 de outubro de 1836, e conde em 4 d'abril de 1838. Falleceu aos 20 de maio de 1852.

Pela campa de D. Pedro,
Jurou o immortal Saldanha
De defender a Rainha,
Ou morrer por tal façanha.

O Saldanha entrou no Porto
Ao toque de assembléa,
Com uma espada na mão,
P'ra dar fim á patuléa.

Avança, caçadores, avança,
Juntamente a artilheria,
Matae o conde das Antas,
Que foi falso a D. Maria.

O maroto do Galamba,
Assentado á janella,
Roendo pés de burrinho,
Pensando que era vitella.

Quando o *Salvaque* chegou
Ao convento de S. Bento,
Disse para a sua tropa:
—'Stâmos aqui, 'stâmos dentro.

Quando o *Salvaque* chegou
Ao convento do Espinheiro,
Disse para a sua tropa:
Ev'ra tem muito dinheiro.

O regimento do 13, (1)
Sargentos e officiaes,
Quando toca a retirar
E' quando avançam mais.

A'vante, soldados,
Corrâmos ás fileiras,
Defender com nossas armas
As nossas reaes bandeiras.

(1) De Chaves.

Coimbra illustrada,
As armas tomando,
Só quer por divisa
Maria e Fernando. (1)

A Maria da Fonte
Era de faca e calhau,
Para enganar as tropas
Tocava n'um berimbau.

A Maria da Fonte,
Mettida n'uma taberna,
Dava lei a todo o mundo,
Tirando a faca da perna.

---

(1) Coro de um hymno cartista. Eis o hymno:

Já repousa a Lusa Athenas,
Sem temer traidora sanha,
A' sombra dos patrios louros
Do nobre, invicto Saldanha.

Coimbra illustrada,
As armas tomando,
Só quer por divisa
Maria e Fernando.

Já da perfida anarchia
Pelo valor libertados,
Nas lusas, leaes, fileiras
Vamos ser leaes soldados.

Coimbra illustrada, etc.

Vamos á patria mostrar
Nosso brio e lealdade,
Sustentando valorosos
A carta e a liberdade.

Coimbra illustrada, etc.

Se a perfidia quer vaidosa
Com grilhões Lisia trazer,
Nossos brios, nossas armas,
A farão arrepender.

Coimbra illustrada, etc.

D'Excelsa Augusta Rainha
Sustentamos os direitos,
Sirvam quaes ferreos escudos
Nossos leaes, gratos peitos.

Coimbra illustrada, etc.

Excerptos do Hymno do Cáe-lhe o fato (1)

Duzentos bejenses,
De valor armados,
A patria deixarem
Por dever sagrado.
. . . . . .
. . . . . .

(Coro)

A'vante bejenses,
A'vante, sem temor,
Defender a Rainha,
Ou morrer por tal penhor.

---

(1) O batalhão nacional de caçadores de *Beja*, composto de populares cartistas, commandado por Marianno Joaquim de Sousa Feyo, depois conde da Boa-Vista, entrou em Elvas, na força de 200 praças, em principios de 1847, sem capotes e de mantas *ás costas*, e por isso o denominaram *batalhão do cae-lhe o fato*, e *batalhão das mantas*. Abrigou-se nos quarteis do redente do Cascalho. Tambem lhe chamavam *batalhão da meia*, por motivo de os soldados se occuparem em fazer meia nas estações da guarda, quando não estavam de sentinella. O conde da Boa-Vista, falleceu, em Beja, na madrugada de 29 d'agosto de 1899.

Eis um documento, que allude ao *batalhão das mantas:*

«PREZIDIO D'ELVAS.

*Ill.*mo *Snr.*

Tenho a honra de levar a conhecimt.º de V.ª S.ª, que ontem á noite ás 8 3/4, os prezos politicos de Cav.ª n.º 3, n.º 75 da 3.ª Comp.ª, Claudio Bernardo Pessanha, travou converça com o preze Sentenc.º n.º 72, João José, em que lhe disse que o Senr. Major Tojal não era Major, e sim Capp.am e que bem podia elle tractar d'arranjar dinheiro para passar na Immigração, que á de fazer brevemt.e p.a a Hespanha; e de Artilheria n.º 2 José Martinz disse logo depois que só bastava o Galamba para dar cabo de todo o B.am das mantas (que é o B.am N.al de C.es de Beja) e dicerão mais que se o Forte de Lippe fosse thomado como se tramou, havião arrazar a Cidade, e destruir toda a força que a guardasse; isto não poço eu provar a V.ª S.ª porem foi ouvido pela sentinella, e Tambor da Guarda mas o que dicerão arespeito de Senr. Major Tojal, e do Galamba poço provar a V.ª S.ª com as testemunhas á margem: He o que tenho a levar ao conhecimt.º de V. S.ª

Trem d'Elvas 23 de Maio de 1847.

Antonio Magro, Juiz da Prizão —Testemunhas, n.º 72 *João José*, Sentenciado n.º 37, *José dos Reis*—Dito».

Excerpto do "Hymno algarvio,,

Quem pela rainha e carta
Arrisca todo o porvir,
Com falsarios colligados
Jamais pode transigir.

. . . . . .

Excerptos do "Hymno de artilheria n.º 3,,

Bravo 3 d'artilheria,
Modelo da lealdade,
Tens escripto na bandeira:
Defensor da liberdade.

Bravo chefe tambem tendes,
Honrado, bravo e leal,
Portuguez d'antiga data
E do antigo Portugal.

. . . . . .

. , ...

(Coro)

Artilheiros, eia, ávante,
Desenrolae o pendão,
A liberdade dos povos
Seja o seu maior brazão.

O JOGO DO TRINTA E UM

Jogavam o trinta e um
Antas, Saldanha, e Terceira,
Cazal, Vinhaes, e Bomfim,
Povoas, e Sá da Bandeira.

Era o bôlo c'rôa d'ouro.
D'estas que tem cunho novo,
Que os grandes conhecem bem,
Mas que mal conhece o povo.

Todos querem possuil-a,
Todos a querem ganhar,
Uns para logo a trocar,
Outros para a conservar.

O Terceira, que era mão,
Pediu Carta, mas passou;
Lançou as cartas á mêsa
Poz-se a vêr, não mais jogou.

O Antas, que é fanfarrão,
Proclamou que ia ganhar,
Pediu Carta e disse—fico;
Teve mêdo de passar.

O Saldanha, sempre attento,
Caute oso se mostrava,
Pediu Carta, mas ficou,
O Antas o observava.

Vendo o Bomfim que no jogo
Já dois se haviamficado,
Quiz mostrar-se mais audaz,
E passou; foi desgraçado.

O Cazal, que antes ganhara,
Não queria agora perder,
Ficou porém em máu ponto;
Jogava para entreter.

Veio o Povoas lá de longe,
Doente, velho, estafado,
Mesmo assim chegou á mêsa,
Tinha o fito no condado.

Começou logo o jogar,
Ficou, e não ficou mal,
Porque o ponto era subido,
E observava o Cazal.

Vinhaes, que tambem ganhara,
Da mêsa estava afastado,
Não lhe tinham dado Carta,
Par'cia estar amuado.

Mas de repente surgiu,
Pediu mais Carta, e jogou,
Mas, apesar de tal Carta,
Tambem afinal ficou.

Restava o Sá da Bandeira,
Que tinha muito perdido,
Pretendia desforrar-se,
Fazendo jogo atrevido.

Com máu ponto e atrapalhado,
Pediu Carta, e pediu mais,
E por fim tambem ficou,
Olhando para o Vinhaes.

Ninguem tinha trinta e um;
E os que se tinham ficado,
Cada um mostrava o ponto,
E estava tudo empatado.

Respeitavel personagem,
Que todos conhecem bem,
É que tinha no tal bôlo
Mais int'resse que ninguem,

Vendo a todos em torpôr,
Em apathia de facto,
Lhes diz então: Meus senhores,
Eu agora desempato.

E convocando os visinhos,
Que vieram ajudal-a,
Se dirige aos jogadores,
E d'esta sorte lhes falla:

«Senhores, basta de jogo,
«Dura tem sido a lição,
«Agora todos p'ra casa
«Se assim o querem... se não...

Assim se acabou o jogo,
Que oxalá não começára;
A lição não só foi dura,
Mas até custou bem cára!!!

Do periodico *Correio Elvense*, n.º 231, de quarta-feira 23 de dezembro de 1891:

«Devido á amabilidade d'um nosso distincto collaborador e primoroso litterato, o sr. Costa Goodolphim, dâmos hoje n'esta secção um documento curiosissimo e que decerto será avaliado como merece pelos qne teem enthusiasmo pelas questões historicas e por tudo o que diz respeito ás investigações que pódem lançar alguma luz nos successos da nossa historia contemporanea. N'um dos ultimos numeros referindo-nos com justiça aos meritos de Antonio

Thomaz Pires, que ha pouco publicou em volume uma collecção numerosa de cantigas com referencias politicas, colligidas da tradição oral, publicámos algumas de essas quadras que teem o titulo: *O jogo do 31.*

Não sabiamos então onde é que ellas primeiramente tinham apparecido e quem fôra o seu auctor.

Sabemol-o agora, graças ao obsequio do sr. Costa Goodolphim, e enviando-nos este cavalheiro as annotações explicativas feitas áquellas quadras pelo seu proprio auctor o general Barão de Argamassa, Francisco da Gama Lobo Botelho, publicâmos hoje novamente *O jogo do 31* com as respectivas notas que considerâmos curiosissimas, especialmente para os nossos leitores, a maioria dos quaes possue hoje o *Cancioneiro.*

O JOGO DO 31

Jogavam o trinta e um
Antas, Saldanha, e Terceira,
Casal, Vinhaes e Bomfim,
Povoas e Sá da Bandeira.

Era o bolo corôa d'ouro,
D'estas que tem cunho novo, (1)
Que os grandes bem conhecem,
Mas que mal conhece o povo.

Todos querem possuil-a,
Todos a querem ganhar, (2)
Uns para logo trocal-a,
Outros para a conservar.

---

(1) Facilmente se conhecerá qual a corôa a que se allude.

(2) Tambem facilmente se conhecerá quaes dos jogadores a desejavam trocar por outra, ou em moedas mais pequenas, ou os que a queriam possuir para conservar e guardar intacta.

O Terceira, que era mão,
Pediu *carta,* mas passou; (1)
Lançou as cartas á mesa,
Poz-se a a ver, não mais jogou.

O Antas, que é fanfarrão,
Proclamou que ia ganhar; (2)
Pede *carta,* disse—fico—
Teve medo de passar.

O Saldanha, sempre attento,
Cauteloso se mostrava; (3)
Pede *carta* mas—ficou—
O Antas observava,

Vendo o Bomfim que no jogo
Já dois haviam ficado, (4)
Quiz mostrar-se mais audaz
E passou, foi desgraçado.

O Casal, que antes ganhara, (5)
Não queria agora perder,
Mas parava, mal ficava, (6)
Jogava para entreter.

Viera o Povoas de longe,
Doente, velho, estafado, (7)
Mesmo assim chegou-se á mesa,
Tinha o fito no condado.

---

(1) E desgraçadamente ainda está vendo, sem poder jogar.
(2) Ficou em Santarem; teve medo de marchar mais adiante, apesar de o ter promettido.
(3) Posição no Cartaxo observando o Antas em Santarem.
(4) Derrota de Torres Vedras.
(5) Victorias de Braga e Val-Passos.
(6) As differentes posições que tomou até á passagem para a provincia de Tras-os-Montes.
(7) Vinda de Povoas da provincia da Beira para o Porto.

Começou logo a jogar,
Ficou, e não ficou mal (1)
Porque o ponto era subido
E observava o Casal.

Vinhaes, que tambem ganhára, (2)
Da mesa estava apartado,
Não lhe tinham dado cartas,
Parecia estar amuado. (3)

Mas de repente surgiu, (4)
Pede outra carta, jogou; (5)
Mas apesar de tal carta
Tambem afinal ficou. (6)

Restava o Sá da Bandeira,
Que tendo muito perdido, (7)
Pretendia desforrar-se,
Fazendo jogo atrevido. (8)

Com mau ponto e atrapalhado.
Pede carta, pede mais,
E por fim tambem ficou
Olhando para o Vinhaes. (9)

---

(1) Posição que occupou de Amarante e Canavezes, observando o Casal na sua posição em Tras-os-Montes.

(2) A parte que teve na victoria de Val-Passos, e em outros combates e acções.

(3) Diz-se que Vinhaes estava um pouco resentido por lhe não terem dado o commando da divisão de Tras-os-Montes, que elle pretendia.

(4) Vindo do Vinhaes para o Alemtejo.

(5) Diz-se que pedira carta branca para obrar como entendesse no commando da divisão do Alemtejo.

6) Apesar da carta que se lhe deu, como pedia, tambem ficou nas posições do Viso, defronte de Setubal.

(7) Derrota de Val-Passos.

(8) Vinda do Porto para o Algarve.

(9) Entrincheiramento de Setubal, defronte das posições do Viso.

Ninguem tinha trinta e um,
E os que tinham ficado
Cada qual mostrou seu ponto,
Estava tudo empatado!!

Respeitavel personagem
Que todos conhecem bem,
Que tinha n'aquelle bolo (1)
Mais interesse que ninguem,

Vendo a todos em torpor,
Em apathia de facto,
Lhes diz então:—Meus senhores,
Agora eu desempato.

E convocando os visinhos (2)
Que vieram ajudal-a,
Se dirige aos jogadores
E d'esta sorte lhes falla:

«Senhores, basta de jogo;
«Dura tem sido a lição,
«Agora todos p'ra casa
«Se assim o querem... se não... (3)

Assim se acabou o jogo,
Que oxalá não começára;
A lição não só foi dura,
Mas até custou bem cára!!!

---

(1) Facilmente se conhece qual o personagem a que se allude.
(2) Inglaterra, Hespanha e França.
(3) A reticencia quer dizer que, duvidando, seriam obrigados a isso.

Excerptos de duas cartas dirigidas ao collector d'estas trovas pelo distincto bibliophilo, o sr. Annibal Fernandes Thomaz:

«Aveiro, 29 de março de 1900. — Aproveito a occasião para dizer a v. que entre varias folhas volantes que adquiri ha dias, ha uma com o *Jogo do 31* por v. publicado no curiosissimo *Cancioneiro popular politico*. E' impressa só no recto, a duas columnas, sem local nem anno de impressão, e offerece variantes em quasi todas as quadras, se bem que não alterem o sentido.»

«Aveiro, 12 de abril de 1900. — Ahi vão as variantes da folha volante; para abreviar numerei isoladamente as quadras, bem como os versos de cada uma em que ellas existem. Os que não vão completos terminam como a licção do *Cancioneiro*».

1

1 *Jogarão* . . . . . .
4 *Povas* . . . . . .

2

3 Que os grandes *já* conhecem bem

3

1 Todos *querião* . . . . .
2 Todos a *querião* . . . . .
3 Uns para *ir logo trocal-a*
4 Outros para a *guardar*

4

3 Lançou *a carta* . . . . .
4 Poz-se a ver, *mas não jogou*

5

2 Proclamou *queria* ganhar
3 Pedio carta disse, fico

6

2 Cautelozo se *mostrou*
3 *Tão bem* pediu carta, *ficando*
4 O Antas o *observou*

7

2 Já dois havião ficado
4 E passou . . . foi desgraçado!

8

1 O Cazal, que antes *ganhava*
3 Ficou, *mas em um ponto!*
4 Jogava . . . para entreter.

9

1 *Viera o Povas de longe*
2 Doente velho e *cançado*
3 Mesmo assim chegou-*se* á meza

10

2 *Ficou se,* não ficou mal
3 *Pois que* o ponto . . . . .
4 E *observou* o . . , ...

11

1 Vinhaes, que tambem *ganhava*
2 Da meza estava *apartado*

12

2 Pedio mais carta, jogou
3 *E* apesar . . . . . .

13

1 Restava Sá da Bandeira

14

1 *Em* máo ponto . . . . .

15

3 Cada um *mostrou seu* ponto
4 Estava tudo empatado

16

3 Que tinha *n'aquelle jogo*

17

1 Vendo todos em torpor
2 *E* em apathia de facto
3 Lhes *disse,* então meus senhores

18

2 Que *logo vem* ajudal-a

20

2 Assim acabou o jogo.

QUEIXAS DO DONO DO BILHAR

Entraram em minha casa
Uns oito homens a gritar:
O' dono da casa, cartas,
Cartas, que q'remos jogar.

Puz as cartas sobre a mêsa
E p'ra barato a caixinha,
Com o cheiro nos int'resses
Que me désse a tal gentinha.

E como a muitos calotes
Já estou acostumado,
P'ra ver se engrossava a caixa
Ali me fico assentado.

Observei que os sujeitos,
Sem tirar do bolso nada,
Gritavam e mais gritavam,
E dinheiro? Nem pitada!

E depois de muito tempo
De gritar a tal pandilha,
Concordaram em jogar
O trinta e um e o pilha.

Eis que começam o jogo
Que já tinham ajustado,
E p'rás primeiras paradas
Me pedem dinheiro prestado.

Venham licores e ponches,
Venham cafés e torradas,
Venha tudo que ha na casa,
Venha tudo por carradas.

Tudo pediam á grande,
E a comer e a jogar
Gastaram dias e dias,
E sem tenção de pagar.

Depois de tudo comerem
Quanto havia em nossa casa,
Deram-me uma sarabanda
Que me puzeram á rasa.

A ver tal procedimento,
Procedimento tão novo,
Acudiram meus criados,
E tambem gente do povo.

Uns queriam dar-lhes tosa,
Outros diziam que não,
E eis que me entrou em casa
Salvajado fanfarrão.

E com géstos mais grosseiros,
E lingua de *trique-traque,*
Eis me diz: Tu és um tolo,
Vae-te d'aqui, meu basbaque;

Yo pode com minha espada.
Mas agora nem precisa,
Basta, bruto, que tu fiques
Por agora sem camisa.

Disse, e para os seus fazendo
Com os olhos um signal,
Se esgueiraram todos juntos
Pela porta do quintal.

Eu fiquei de bocca aberta,
Sobremaneira esquentado,
Mas elles se foram rindo,
E eu cá fiquei roubado.

Assim acabou o jogo,
Oxalá não começara,
A lição foi muito dura
E a mim custou-me cara.

Uma sessão cabralista na villa de Moura

(1847)

A primeira das sessões
Que esta facção cabralista
Fórma, depois da conquista
Que lhe deram tres nações,
D'ella extrahimos noções
De que os gárrulos famintos
Só são celebres e distinctos
Em nada ultimar de monta;
Se assim é por sua conta,
Que farão ganhando pintos!!..

Circular do administrador do concelho

«Meu amigo, inda esta vez,
«Graças á quádrupla alliança,
«Seguimos na governança
«D'este povo portuguez;
«Portanto, por todo o mez
«A nossa elvense cruzada (1)
«Vem de volta, e installada
«Uma reunião desejo,
«P'ra se votar o cortêjo
«D'uma tão brilhante entrada;

«Ahi se discutirá
«O plano em bella harmonia,
«Ao que vossa senhoria,
«'Stou certo, não faltará;
«A reunião será
«Sem perigo, eu o afianço,

(1) A «Companhia de Safara», de que era capitão Antonio de Brito Pimenta d'Almeida, tenente Raphael Antonio de Brito, e alferes Francisco de Brito Pimenta — tres irmãos. A companhia pertencia ao Batalhão Nacional de Caçadores de Beja, vulgò *Batalhão do cae-lhe o fato*.

«Mas, para maior descanço,
«A' noite melhor nos fica
«Installar-se a chafarica
«Em casa do *Lobo manso*». (1)

A sessão

Chega a noite, e á casa dada
Do discipl'o de Minerva
Grande magna caterva
Se dirige encapotada:
Mesmo no cimo da escada,
Com 'stupido gésto horrivel,
Fazia de irmão terrivel
Um quasi meio-hervanario,
Que indicava o sanctuario
Aos profanos invisivel.

Não se julga bem, nem mal,
Quanto este heroe 'stava ufano!
Parecia um vet'rano
A's ordens d'um general!
Não achavam outro egual
P'ra desempenho do trato!
Mais dentro estava o Falcato; (2)
A presidencia inda vaga,
E a ver se acaso pegava,
Lá foi sentar-se o *Mulato*. (3)

O dono da casa em vão
Trata de os fazer sentar,
Vem elle mesmo fechar
A porta por sua mão:
E voltando diz: «Então?

(1) Joaquim Antonio Vidal da Gama, bacharel em direito, advogado em Moura, e depois juiz de fóra em Estremoz e deputado da nação.

(2) Joaquim Maria Falcato, proprietario, e antigo regedor de parochia.

(3) Francisco de Brito Pimenta d'Almeida, proprietario, e antigo provedor em Moura.

«Se aos senhores lhes parece
«Que são horas, sim, comece».
Mas o Sá (1) olha esta gente:
«Como assim?! Sem presidente?!...
«Caso egual não apparece!»

«E' verdade, tem razão!»
Nosso doutor *Narigueta* (2)
Que é bom mestre de etiqueta
Prova nesta occasião:
«Neste caso ha votação
(Grita elle mui contente)
«E tambem julgo decente,
«Quer o fosse, quer não fosse,
«Que quem dá o chá e o doce
«Deva ser o presidente».

«Apoiado! mui louvavel!»
Foi toda a sucia dizendo,
E assim reconhecendo
O eleito veneravel;
Mas o Sá, infatigavel,
Continúa, com emprazo:
«Eu se os votos, por acaso,
«Me dessem nossos irmãos
(Diz 'sfregando muito as mãos)
«Renunciava este caso».

O *Mulato* já zangava
De tão longa paroleira,
Levantou-se da cadeira
Da presidencia em que estava.
Elle comsigo bufava,
Vendo que lá não ficou;
Sereno rosto affectou;
Mas, com emoções internas,
Tres vezes abriu as pernas,
E tres vezes as fechou.

---

(1) Antonio José de Sá e Camello, bacharel em mathematica, e administrador do concelho de Moura.
(2) O referido administrador do concelho.

Raphael, (1) que isto percebe,
Dá por nulla a eleição,
Quer secreta votação,
Que assim esp'ranças concebe;
E já grita: «Quem se atreve
«Oppôr-se a isto que eu disse?»
A isto o Marrecas (2) ri-se
E diz, sem mudar de aspecto:
«Raphael, está quieto,
Olha que isso é parvoice!»

Mas tal admoestação
O torna mais irritado,
Eil-o ahi empinado
Como um feito perdigão:
«Já não ha consid'ração!
«E' 'ma vileza mesquinha!
«E entendam por vida minha!
(Reforçando aqui os gritos)
«Que se não fossem os Britos,
«Adeus Carta, adeus Rainha! . .

«Mas tenho ideia formada,
«E protesto ser constante,
«Que desde agora em diante
«Já me não importa nada!
«Na exemplar vida traçada
«De ha muito, continuarei,
«Da politica fugirei
«Como agora, (diz da porta)
«Porque já tanto me importa
«A Rainha como o Rei!»

Pequena bulha, ligeira,
Se desfructa, mas acalma;
Diz Oliveira: «Diab'alma!
«Que sempre ha de haver asneira!

---

(1) Padre Raphael Antonio de Brito, prior da Egreja matriz de Moura, e irmão do *Mulato*.

(2) Padre Francisco Ignacio d'Oliveira Marrecas, prior da freguezia de Santo Agostinho, de Moura.

«Pois cá Manel d'Oliveira (1)
«Sabem bem quem é, e éra;
«Se a Carta aqui não impera,
«Com isto, então, não me avenho!
«E vou-me embora, pois tenho
«A minha Marianna á espera.

«Olhem p'r'á conducta minha,
«Chamem-me, embora, Manél,
«Chucho a cadeira ao Miguel, (2)
«Sempre amigo da Rainha.
«E então que triste vidinha
«Co'a patuléa passei!
«Só por milagre escapei!
«E até a minha Marianna
«Não dormiu uma semana
«Por causa não sei de quê».

«'Stá bem (diz o presidente
P'ra pôr dique á digressão)
«Da sua dedicação
«Todo o mundo está presente;
«Mesmo a Rainha sciente
«'Stá de tudo quanto diz,
«Creio que até já dar-lhe quiz
«(Veja que bondosa fleuma!)
«Um habito, co'o emblema
«D'uma mão d'almofariz».

Esta graça ou esta léria,
Quem a diz a tal senhor?
Mas como foi o doutor,
Achou-lhe muita pilheria.
Passou-se, emfim, á materia
Dada p'r'á ordem do dia;
Mas de novo principia
A questão de quem começa,

---

1 Manoel Francisco de Oliveira, natural de Serpa, pharmaceutico e professor de latim em Moura.
2 Foi nomeado professor de latim pelo governo miguelista.

Ao que logo se arremessa
O grande Sá, que dizia:

«Eu tenho o grau de doutor,
«As qualidades distinctas,
«Fui o major das extinctas, (1)
«Secretario de primor, (2)
«Agora administrador
«De facto e 'té de direito,
«Parece-me, em meu conceito,
«Ser o primeiro a falar,
«E que se tem de approvar
«Tudo quanto eu tenha feito;

«Para o dia, pois, radiante,
«Já mandei varrer as ruas,
«Dei licenças p ra tabúas,
«Porque isso é retumbante,
«Luminarias em flagrante,
«Toda a villa cante os hymnos,
«Repiquem todos os sinos,
«O mais forte, o mais de rijo,
«Quero ver com regosijo
«Velhos, rapazes, meninos.

«Meus recursos apoucados
«Não permittem donativos,
«Mas d'estes preparativos
«Podem ficar descançados;
«Até sobre aquartelados
«Eu tenho adoptado um plano,
«O melhor, se não me engano,
«E até 'ma excellente ideia:
«Mando-os para a patulea,
«Que os tratem a todo o pano.

---

1 Milicias.
2 Da sub-prefeitura em Estremoz.

«Sant'Anna, (1) posto me eu cale,
»Já sabe o que ha de fazer,
«Porque em levar e trazer
«Não acho quem o eguale;
«E' bello: por mais que eu fale,
«D'ali nunca sahe um mote,
«E apesar de ser um pote,
«E' na verdade um burrico,
«Com as instrucções do Rico (2)
«Stá um perfeito *alcagote*.

«Eu conto com elle, sim!
«E com mais certos marmanjos,
«Para todos os arranjos,
«Que dependam cá de mim;
«Estou bem certo que assim
«O meu plano não vae mal,
«Porque basta um edital
«Com a rubrica=Camello=
«P'ra todo o mundo temêl-o,
«E cumpril-o tal e qual».

O *Mulato* a sécca ouviu,
E, como breve incidente,
Soltára por entre os dentes:
«Vá.. p'r'ó diabo que o borniu»;
Depois, alto, proseguiu:
«Disse mui bem, senhor Sá,
«Mas eu entendo que está
«Demorando o andamento
«Da sessão, e ao mesmo tempo
«Fére melindres que ha;

«Porque eu, como provedor,
«Bem o povo conheceu,

(1) Joaquim de Sant'Anna, official de diligencias da administração do concelho de Moura.
(2) Antonio Dias Rico, escrivão da administração, e mais tarde escrivão de fazenda, em Moura.

«Que ninguem me excedeu
«Em medidas de terror;
«Com justiça e sem favor,
«No meu humilde conceito,
«Quem aos liberaes respeito
«Outro deu, e sem egual,
«Senão meu livre punhal,
«Que então trabalhou a eito?

«Mas esse grande favor
«Já nos peitos lhes não lavra!
«Dá-se ao *sor* Sá a palavra
«Primeiro, por ser doutor!
«Confesso que o pundonor
«O suor me traz á testa,
«Porque é assim que se infésta
«E vicía a mocidade,
«Preterindo a hab'lidade
«Por um diabo que não presta!

«Ataque de tosse enorme
«Fez que não ouvisse o Brito,
«Comtudo, o que tenha dito
«Seja o que fôr, 'stou conforme;
«E lembro-me que se forme
«D'entre nós 'ma commissão,
«P'ra redigir d'antemão
«O programma exigido,
«E, que uma vez discutido,
«Haja menos confusão».

Muitos ficam convencidos,
E approvam este conceito,
Outros dizem: «Não têm geito
Os conclaves repetidos!»
E, que uma vez reunidos,
Se trate do que ha a fazer,
'Scusando estar a perder
O tempo com gritaria;
Que decida a maioria
O que a final hade ser.

Correm, pois, opiniões,
Cada qual expende a sua,
Quando na porta da rua
Se ouviram dois encontrões:
Opprimem-se os corações
Toda assemblea se cala!
Mas em breve entra na sala
O bravo Antonio Fernando, (1)
Que vinha cambaleando,
E em tom de denuncia fala:

«Vinha andando meu caminho
«Pelos cantos de Jão Mendes (2)
(Eis-ahi porque tu pendes!
Diz o Brito de mansinho)
«Em uma venda de vinho
«Vi um grupo com calor
«Questionando, e com furor
«Eis diz um: Julgo que ha Carta!
«Não hav'rá um raio que a parta?
«Ou lhe dei um estupor?!

«Aproveitando a occasião,
«Quiz assim buscar guarita,
«Fui p'ra casa do *Tarita* (3)
«Pôr-me de observação;
«Vae elle, que é maganão,
«Instou-me com um copazio,
«E eu ferrei-lhe o gatazio,
«Chupei-lh'o, como um donato,
«E até o Zé Fortunato (4)
«Apanhou forte balazio.

«E comtudo não me esqueço
«Da minha curiosidade,
«E' que é 'ma necessidade
«O ir espionar, conheço;

(1) Antonio Fernando de Brito Lobo Bocarro.
(2) Local em que só havia tabernas e uma loja de barbeiro.
(3) Um taberneiro.
(4) O barbeiro.

«Então ao *Caraça* (1) peço
«P'ra irmos aos anarchistas,
«Migueis ou setembristas,
«Porque lhes ouvi dizer:
«Hão de só prevalecer
«Os .. e acabava em *istas*.

«Ora, com taes minudencias,
«Devidas ao meu talento,
«E' certo o levantamento,
«Devem dar-se providencias!
«Creiam Vossas Excellencias
«Que ha nisto sério trabalho,
«Porque meu sogro Carvalho, (2)
«Onde tem a enfornada,
«Viu passar um d'espingarda,
«Outro atraz com um chanfalho».

Diz *Torto*, (3) sem mais saber,
Com sua grande estulticia:
«Que é dos cabos de policia,
«Que eu os vou já a prender!»
«O que vaes tu a fazer? »,
Lhe grita então o Crujeira, (4)
Que se ouve p'la vez primeira,
«E' tolo quem não infira
«Que tudo aquillo é mentira,
«E' 'ma pura bebedeira!»

Voltando-se ao presidente,
(Com oc'los, que nunca usa)
De não ter falado, a escusa
Foi dos olhos estar doente ..
E logo ali de repente
Prosegue.. que desespero!

---

(1) Um artista.
(2) Um chamiceiro.
(3) Joaquim Maria Falcato, o antigo regedor.
(4) Padre José Maria Crujeira.

«Mas... por melhoras, que espero,
«Puz-me em uso das *Navalhas* (1)
«Perdão! quer'dizer cangalhas,
«Por causa do reverbéro;

«Comtudo, não sei faltar,
«E sempre estou decidido,
«Quando sei que o meu partido
«Tem negocios a tratar;
«Por isso tenho a esp'rar,
«Pois não sou nenhum papalvo,
«E me tenho feito calvo
«A prégar de noite e dia,
«Um bispado, ou conezia,
«E de vez deixar Montalvo». (2)

Diz Marrecas, com finura:
«E' cousa que já não quero,
«Porque ha mais de um anno espero
«A primeira vacatura;
«Tanto cri na conjunctura
«Das inquirições tiradas,
«Que umas meias encarnadas
«Acceitei a umas devotas,
«E já hoje estão desbotas,
«Ou talvez esburacadas;

«Mas não val' desconfiar
«Por essa grande tardança,
«Basta eu estar na lembrança
«Do nosso homem de Thomar; (3)
«Por isso tenho a esp'rar,
«Por meio de um tal favor,
«O deixar de ser prior,
«Assim como meu irmão, (4)
«E talvez que o toleirão
«Do meu coadjutor; (5)

---

(1) . . . .
(2) Extincta freguesia rural de Moura.
(3) Antonio Bernardo da Costa Cabral.
(4) Padre Joaquim Raymundo de Oliveira, prior de S. Braz da Granja, concelho de Mourão.
(5) Padre Francisco de Salles Ximenes da Penha Requerens.

«Mas p'ra tanto é necessario
«Que os dois façam sacrificio
«De dez annos de exercicio
«Nas cellas d'um seminario;
«Apesar que o nosso erario
«Nunca a tolos se fechou,
«Nem tampouco se occupou
«De indagar capacidade,
«Mas só, por formalidade,
«Se alguma aula frequentou».

O bruto Salles, (1) irado,
De convulso treme o queixo,
E berra que em Santo Aleixo
Não fôra assim reputado:
Que ao menos, beneficiado,
Mostrou que tinha saber;
Mas tudo isto faz não ser
De mansas palavras, finas,
Assignante ao chá das Linas, (2)
Sem na sala apparecer.

A isto o José Velhinho, (3)
Sempre, sempre, muito humano,
Com o gaz d'um miliciano,
Toma as partes do sobrinho,
E diz: «Senhor's, se adivinho
«Que havia taes aranzeis,
«E os ridiculos papeis
«Que aqui têm apparecido,
«Não vinha cá, tinha ido
«Ao meu passeio aos quarteis».

O nosso Sá, atacado
Se sente, e sahir precisa,
Na cabeça ajusta e aliza,
Vermelho gorro ensebado,

(1) O referido Francisco de Salles.
(2) Irmãs do administrador do concelho Sá e Camello.
(3) José Antonio Caeiro Viçoso, tio affim do Padre Francisco de Salles.

Depois mais um lenço atado,
Como permitte o vagar,
E mais inda o *bombo* encaixa
De por cima desta trouxa,
E assim, feito *côca rôxa,*
Vae á loja alliviar.

Nisto o Consul brazileiro, (1)
Nosso proto deputado,
Do canto d'onde tem 'stado
Se levanta sorrateiro;
Diz: «Sinto ser o primeiro
«Que abre a lista dos ausentes,
«Mas tenho graves doentes
«Car'cendo de meus favores;
«Boas noites, meus senhores»,
Diz, mostrando os sujos dentes.

O Matta, (2) arrastando a aza,
Com ar trem'lo, indiciso,
Diz logo, que lhe é preciso,
Ir dar uma vista a casa;
Nogueira (3) como uma braza
Fica com este incidente!
Occorre-lhe de repente
O genio de trapalhão:
«Nesse caso . á votação!
«Aliás, não temos gente!»

Concordando, tambem grita
O Amandio (4) besuntão;
«Sou da mesma opinião»,
Diz o *manso,* (5) jesuita;

---

(1) João Alexandrino de Sousa Queiroga, bacharel em medicina, deputado ás côrtes de 1820 pela Extremadura, e ás de 1826 e seguintes pelo Alemtejo.

(2) Antonio Adriano da Matta Pinto, proprietario.

(3) José Maria Nogueira, bacharel em canones, e advogado em Moura.

(4) Amandio Bernardo Gouvêa Durão, irmão do ministro de estado Carlos Honorio de Gouvêa Durão.

(5) Bacharel Joaquim Antonio Vidal da Gama.

A isto tambem apita
Esganiçado flautim,
Berrando o Brito Aboim: (1)
«Apoiado!», e o avestruz
Do Guilherme de Jesus (2)
Tambem diz que pensa assim.

Durante isto, ha muito está
P'la porta a entrar um nariz,
Té que a Providencia quiz
Que afinal entrasse o Sá:
«Então, vamos, o que ha?
«O que teem por cá feito?
«Estou muito satisfeito,
«Já se fez a eleição?
«Tem a minha approvação,
«Mas quem é que foi eleito?»

—«Depois que *vó* senhoria
«Ha pouco se retirou,
«A nada mais se avançou
«Do que então se discutia,
«E julgo que noutro dia
«Isto se decidirá;
«E' o expediente que ha,
«E todos concordarão,
«Fica adiada a sessão,
«Vamos ao doce e ao chá».

E acabam com tal *chouchisse,*
Sem coisa alguma fazer,
Mostrando só p'ra comer
Ter prestimo a *Cabralice;*
Veremos se a parvoice
Segue nas outras sessões,
E' de suppor profusões
Não faltem sempre de asneira
No congresso *cabelleira*
Com tão raros medalhões!

(1) Francisco de Brito Lobo Guerreiro de Aboim.
(2) Assentista.

Segundo informação do meu amigo sr. Joaquim José Sanches Veiga, digno escrivão de fazenda do concelho de Elvas, a notavel *Satyra*, que antecede, foi feita, no anno de 1847, por Joaquim Antonio Corrêa (1), como desforço aos seguintes versos contra os patuleas, escri-

---

(1) Natural da villa de Moura, onde nasceu aos 27 de abril de 1811, proprietario, e mais tarde escrivão da camara municipal e da administração do concelho de Ferreira do Alemtejo. Falleceu em agosto de 1870. Foi um excellente poeta satyrico. Os seus versos nunca foram dados á estampa; alguns correm na tradição oral, outros perderam-se. Devo os que apresento nesta collecção á boa amizade do sr. Joaquim José Sanches Veiga, de quem o poeta foi padrinho do baptismo.

No genero epigrammatico era verdadeiramente bocagiano. Eis alguns dos seus

EPIGRAMMAS

Que houve junta a um enfermo
Affirmou Luiz Golpelha,
Mas enganou-se o estafermo,
Não foi *junta*... foi *parelha*.

Que grande calamidade!
Que uma besta sem criterio (a)
Disponha, á sua vontade,
Da cadeia e cemiterio!

Quem a confiança pôz
Num medico p'ra juiz,
Parece que ajuntar quiz
Magistrado com algoz.

(a) Caetano Ignacio, medico e juiz ordinario em Ferreira do Alemtejo.

ptos pelo bacharel Joaquim Antonio Vidal da Gama (o *Lobo manso*):

A Patulea

Vinde cá meus patuleas,
Rapazinhos do Anacleto, (1)
Enganae-vos se pensaes
Que sois d'espirito recto.

As vossas contradições
Confundem todo o bom senso,
Razão solida não pode
Dar-lhe o menor assenso.

Dizeis quereis a Rainha
E a Carta Constit'cional,
Quando vós ao seu governo
Declaraes guerra fatal?

Dizei-me como entendeis
O systema liberal,
De moto proprio abolindo
Leis do Congresso Geral?

Pois não sabeis que alteradas,
Derogadas e abolidas,
Só podem ser em se achando
As camaras reunidas?

Sois muitissimo idiotas,
Sois muitissimo pedantes,
Só pretendeis apanhar
Cargos, dinheiros bastantes.

---

(1) Um doido de pedras, da Villa de Moura.

Ambição insaciavel
Corroem vossas entranhas,
Para alcançar vossos fins
Empregaes todas as manhas.

P'ra isso não vos importa
Se faça o mundo em pedaços,
Para que todos vos sigam,
Vós armaes todos os laços.

Não vos falta hypocrisia,
A calumnia e vil mentira,
Com todos os seus manejos,
Sempre em vossos peitos gira.

A santa causa do povo,
Que vós tanto proclamaes,
O mesmo povo conhece
Que são embustes reaes.

Sois da politica a peste,
Sois da nação o transtorno,
Mereceis ser assados
Em chammas d'ardente forno.

Lá ides levando o premio
Em Vianna e Val de Passos,
E afinal em Torres Vedras,
De vossos erros mui crassos.

Isso ainda vae avante,
Preparae os vossos papos,
Para serem recheados
De bastos, fortes sopapos.

Schwalbach, Casal, Saldanha,
Já coroados de loiro,
Inda se estão preparando
A vos darem mais estoiro.

Vossa Maria da Fonte,
Com sua borracha á cinta,
A' força de mil açoites,
Será feita em negra tinta.

A famosa patulea,
De que tanta gente ralha,
Sabeis o que quer dizer?
Quer dizer:—Corja, canalha.

Adeus, minha patulea,
Adeus senhora, que eu parto,
Já ninguem pode soffrer-vos,
Tudo de vós está farto.

A gloriosa campanha,
Que a patulea afamava,
Toda a sua força brava
Perdeu ás mãos do Saldanha;
Não lhe valeu toda a manha
Ha muito tempo empregada,
Só merece ser-lhe dada
(Muito favor lhe fazendo,
Compaixão com ella tendo)
Estrondosa caçoada.

O Vice-Consul hespanhol (1)

Effeitos de uma cega fatuidade,
E vicio de orgulhosa ostentação,
Te arrastam, com a tua velleidade,
A trocares as *Quinas* em *Leão;*
Mas quem bem te conheça nunca ha de
Importancia ligar a tal acção,
Porque na tua raça é lei eterna
Abjurar da antiga p'r'á moderna...

Bem vemos não 'star muito em harmonia,
A quem tem pretenções de cavalheiro,
O contraste formal da fidalguia
Que fórma a taboleta de estanqueiro;
Mas se te não convém, mais te valia,
Se teus fins te não enche por inteiro,
Entregal-a, ainda com pesares,
Que duas vezes de nação mudares!...

Não se conhece um genio mais de acinte!
De leves louros faz uma conquista!
E' só por teima que não é *de vinte*
E se fez alentado *cabralista;*
E' de suppôr, talvez, que affecte e pinte
Ser elle constrangido camarista,
E p'ra levar o capricho até ao cabo
Prefere ás *Quinas* animal *de rabo*...

Hoje *cartista* é, dá foguetorio,
E nem por isso fica conceituado!
De amanhã ha progresso no vivorio
Jura logo, e eis mais um renegado!
Cananime é pois, e bem notoreo,
De que versatil é por lei do fado,
E p'ra esta tendencia irresistivel
O obriga o acrostico terrivel...

---

(1) **José Joaquim de Lima Sousa e Castro, vice-consul de Sua Magestade Catholica em Moura e Serpa, estranhou e lamentou que, sendo cabralista, e tendo assistido á sessão em casa do *Lobo manso*, não figurasse o seu nome na *Satyra* de Joaquim Corrêa. O auctor da satyra, para acabar com a estranheza, dedicou-lhe estas oitavas.**

VI

Movimento da "Regeneração,,

(1851)

O Saldanha como ervilhas,
O Conde (1) come morangos,
Coitadinhos dos pequenos,
Que elles lá se entendem ambos.

O Conde come tripas,
O Saldanha orelheira,
Coitados dos pequenos,
Que para elles é a feira.

O Saldanha é um rei
No seu garbo militar;
Com toda a sua façanha
O throno fez oscillar.

Nobre duque de Saldanha,
Todo impavido e valente,
Pelo meio das fileiras,
Animando a sua gente.

=

Abaixo a tal Saldanhada,
Que isto não presta p'ra nada.

---

(1) O Conde de Thomar.

O maroto do Saldanha
A morte devia ter,
Quando, com todo o descaro,
Com D. Fernando foi ter.

O maroto do Saldanha
Pôz sua honra de parte,
Chegou a tudo que quiz,
Imitando a Bonaparte.

Fez bem o tal Saldanha,
Até certo ponto,
De vir para cá
Apanhar tanto conto.

VII

Varia

De pato a penna, ou *pirum*,
Toma o poeta e apara,
E tanto que a prepara
Escreve sem medo algum.
Tres vezes sete vinte e um
Vinte um *nós* fora tres,
Trinta dias tem no mez,
Tres oitavas o Natal,
Tres diabos tem Portugal,
Que é Geral, Mendonça e Marquez. (1)

PARODIA

Com penna de pato, ou *pirum*,
Escreve o poeta, e apara,
E depois que a penna prepara,
Escreve sem medo algum.
Tres vezes sete vinte um,
Vinte um noves fora tres.
Trinta dias tem o mez,
Tres oitavas o Natal,
Tres diabos tem Portugal,
Conde, Duque, e Marquez. (2)

---

(1) *Geral:*—Fr. João de Mansilha, provincial e visitador gera da religião dominicana e deputado do conselho geral do Santo Officio. *Mendonça:*—Fr. Manoel de Mendonça, Dom abbade de Alcobaça, esmoler mór e reformador da Ordem de S. Bernardo em Portugal.—*Marquez:*—O marquez de Pombal. (1777)

(2) *Conde* d'Armamar? *Duque* d'Aveiro? *Marquez* de Villa Real?

Ditosa Villa de Castro, (1)
Donde o Senhor appar'ceu,
Onde D. Affonso Henriques
Sua batalha venceu.

Deus fez das Cinco-Chagas
As fontes sacramentaes,
E depois d'ellas formou
As lusas armas reaes.

Portugal é invejado
Por toda a nação 'strangeira,
Só por ter as Cinco-Chagas
Na sua real bandeira.

—O' aldêa, ó aldêa,
Que é dos teus aldeanos?
—Andam por terras alhêas,
Fugin'do aos castelhanos.

Graças a Deus que já temos
Em Portugal um rei novo, (2)
Foi c'roado pelos anjos,
Acclamado pelo povo.

A D. Maria Pia
E' branca com'ó papel,
Esposa de D. Luiz,
Filha de Victor Manoel.

Dona Maria Pia
Em tudo é uma flôr,
Esposa de D. Luiz,
Filha do Imperador.

Portugal está perdido,
D. Luiz assim o quiz,
Se D. Pedro fosse vivo
Portugal era feliz.

(1) Castro-Verde.
(2) D. Pedro V.

Lá no campo da manobra
'Stão duas barracas de lona,
Quando não 'stá a chover
Anda tudo n'uma fona.

Lá no campo da manobra
'Stá-se a formar um jardim,
Para passear o cavallo
Do nosso general Prim. (1)

O' Fontes P'reira de Mello
Tem compaixão da pobreza,
Não queiras desgraçar
Esta nação portugueza.

O Porto tudo quer
A' força da sua mão,
Republicanos, republica,
Jusuitas, religião.

Brava gente brazileira,
Descendente de Guiné,
Que trocou as cinco chagas
Por um ramo de café.

(1) Fontes Pereira de Mello.

Na colheita d'estas trovas fui coadjuvado pelos Ex.mos Srs.

Adolpho Coelho.
Capitão Angelo Gualter Ribeiro Couceiro.
Coronel Antonio Maria de Sá Chaves Pinto.
Dr. Antonio Teixeira Felix da Costa.
General Francisco José Maria Vivaldo.
Francisco Simões de Carvalho.
Tenente coronel Leopoldo Frederico Infante Fernandes.
Joaquim José Sanches Veiga.
Coronel Joaquim Maria Soeiro de Brito.
Tenente coronel José Joaquim Ferreira.
General Manoel Antonio d'Araujo.
Major Manoel José da Costa e Silva.
Tenente coronel Rodolpho Augusto de Passos e Sousa.
Major Victorino de Sant'Anna Pereira d'Almada.

Obras de A. Thomaz Pires

Cancioneiro popular politico. — 1.ª edição. Elvas, 1891. — ESGOTADO.

Setecentas comparações populares alemtejanas. — Recolhidas da tradição oral. Espozende, 1892.

Calendario rural. — Dictados relativos aos mezes comparados com os dictados similares de varios paizes romanicos. Elvas, 1893.

Notas historico-militares. — (Da «Guerra velha» até á Invasão franceza) — Extractos de varias cartas coévas. Elvas, 1898.

Materiaes para a historia da vida urbana portugueza. — A mobilia, o vestuario e a sumptuosidade nos seculos XVI a XVIII. Lisboa, 1899. (Separata) ESGOTADO.

Catalogo do Museu Archeologico da Camara Municipal d'Elvas. — Lisboa, 1901. (Separata) ESGOTADO.

Cantos populares portuguezes. — Recolhidos da tradição oral e coordenados. Elvas — 1.º volume, 1902; 2.º volume, 1905, 3.º e 4.º volumes no prelo.

Estudos e Notas elvenses. — I *O S. João d'Elvas.* II *A entrega da praça d'Elvas a Philippe II de Castella em 1580.* III *A egreja do Senhor Jesus da Piedade.* IV *O casamento de Luiz José de Vasconcellos e Azevedo.* V *Amuletos alemtejanos.* VI *A noite de Natal, o Anno Bom e os Santos Reis.* VII *Vasco de Lobeira.* VIII *Garcia da Orta. Elvas, 1904-1905.* — **Em publicação:** IX *Os antigos Gamas d'Elvas.* X *O Corcovado.*

RETURN TO ➡ **CIRCULATION DEPARTMENT**
198 Main Stacks

LOAN PERIOD 1 **HOME USE**	2	3
4	5	6

ALL BOOKS MAY BE RECALLED AFTER 7 DAYS.
Renewls and Recharges may be made 4 days prior to the due date.
Books may be Renewed by calling 642-3405.

DUE AS STAMPED BELOW

SEP 07 1998

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY
BERKELEY, CA 94720-6000

FORM NO. DD6

Y.C 111246